

LUCIANA DE ALCÂNTARA NOGUEIRA.

JOVENS NO CONTEXTO DA VIOLENCIA E DA SEXUALIDADE: ESTUDO DE
CASO

MARINGÁ
2005

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-
PUBLICAÇÃO (CIP)
(BIBLIOTECA CENTRAL - UEM, MARINGÁ – PR.,
BRASIL)

N778J NOGUEIRA, LUCIANA DE ALCÂNTARA
JOVENS NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA E DA SEXUALIDADE :
ESTUDO DE CASO / LUCIANA DE ALCÂNTARA NOGUEIRA. -
MARINGÁ, PR : [S.N.], 2005.
84 F. : IL.

ORIENTADOR : PROF. DR. LUZIA MARTA BELLINI
DISSERTAÇÃO (MESTRADO) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM,
2005.

1. ADOLESCENTES - VIOLÊNCIA - ABRIGO PROVISÓRIO
MUNICIPAL DE MARINGÁ, PR. 2. ADOLESCENTES -
SEXUALIDADE PRECOCE - ABRIGO PROVISÓRIO MUNICIPAL DE
MARINGÁ, PR. 3. ADOLESCENTES - EXCLUSÃO CULTURAL -
ABRIGO PROVISÓRIO MUNICIPAL DE MARINGÁ, PR. 4. SAÚDE
PÚBLICA - MARINGÁ, PR. 5. ADOLESCENTES - SEXUALIDADE
CONSENTIDA - ABRIGO PROVISÓRIO MUNICIPAL DE MARINGÁ,
PR. I. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM. II. TÍTULO.

CDD 21.ED. 362.7

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ.
CENTRO DE CIÊNCIA DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

**JOVENS NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA E DA SEXUALIDADE: ESTUDO DE
CASO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em enfermagem, Área de Concentração: enfermagem e o processo do cuidado do Departamento de Enfermagem do Centro de Ciência da Saúde da Universidade Estadual de Maringá - PR, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

ORIENTADORA:

PROF^a DR^a. LUZIA MARTA BELLINI

**MARINGÁ
2005**

LUCIANA DE ALCÂNTARA NOGUEIRA

**JOVENS NO CONTEXTO DA VIOLENCIA E DA SEXUALIDADE: ESTUDO
DE CASO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em enfermagem, Área de Concentração: enfermagem e o processo do cuidado do Departamento de Enfermagem do Centro de Ciência da Saúde da Universidade Estadual de Maringá - PR, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

APROVADO EM: 24/11/2005

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. DR^a. SÔNIA SILVA MARCON.
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM

PROF^a. DR. MARCELO MEDEIROS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÂNIA – GO

PROF^a. DR^a. LUZIA MARTA BELLINI.
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM

SUPLENTE: PROF^a. DR^a. CATARINA AP^a. SALES.
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - UEM

SUPLENTE: PROF^a. DR^a. MARIA BERNADETE GONÇALVES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - UEM

DEDICO ESTE TRABALHO

AS MINHAS ETERNAS PROFESSORAS E AMIGAS, SÔNIA E MARIA
ANGÉLICA,

QUE ACREDITARAM, INVESTIRAM, ENFRENTARAM E ESTIVERAM
PRESENTES EM CADA PASSO DESTA CONQUISTA...

MUITO OBRIGADA, EU NÃO CONSEGUIRIA SEM VOCÊS!

AO HOMEM DA MINHA VIDA... PAI

AMO DE MAIS VOCÊS

AGRADECIMENTOS

A DEUS POR ME FORNECER O CONVÍVIO COM PESSOAS QUE INVESTIRAM EM MIM E ME DERAM OPORTUNIDADES DE CRESCIMENTO;

A PROF. LUZIA MARTA BELLINI, PELA PACIÊNCIA E DEDICAÇÃO TRANSMITIDAS DURANTE AS ORIENTAÇÕES;

AS AMIGAS CREMILDE E LUJÁCIA, PELA AMIZADE, E CARINHO;

A TODOS OS PROFESSORES DO DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM – UEM, QUE ACREDITARAM NESTA VITÓRIA;

AS COLEGAS DA PRIMEIRA TURMA DE MESTRADO EM ENFERMAGEM DA UEM. VOCÊS SÃO MAIS QUE AMIGAS... SÃO PESSOAS QUE SEMPRE DEMONSTRARAM SOLIDARIEDADE, COMPREENSÃO, AJUDA E CARINHO;

A FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA PELO RECURSO FINANCEIRO CONCEDIDO (BOLSA);

A MARCELO MEDEIROS PELA GENTILEZA DE REUNIR E ENVIAR POR CORRESPONDÊNCIA TODOS OS TEXTOS DE SUA AUTORIA CITADOS NESTE TRABALHO, E PELA IMENSA CONTRIBUIÇÃO NA DEFESA;

A MINHA MÃE, PELA PACIÊNCIA E INVESTIMENTO;

A MINHA FAMÍLIA PELA COMPREENSÃO E PACIÊNCIA;

AO AMOR DA MINHA VIDA.

MUITO OBRIGADA E MINHA ETERNA GRATIDÃO!

RESUMO

Estudou-se um grupo de adolescentes do abrigo provisório municipal de Maringá - PR que apresentavam comportamento sexual precoce com práticas sexuais consentidas ou não. neste sentido, seguiram-se as orientações metodológicas de Lukde e André (1986) para o estudo de caso. os referenciais teóricos foram os estudos de Claudia Fonseca e de Marcelo Medeiros. a coleta das informações foi realizada junto ao abrigo provisório municipal de Maringá – PR, durante dois meses. fizemos visitas três dias da semana, no início meio e final da mesma. seis adolescentes com idades de 14 a 16 anos totalizaram a amostra para este estudo. entrevistamos os jovens em dias diferentes sempre levantando as mesmas questões. as perguntas foram 1) você pode me contar sua primeira experiência sexual? 2) houve consentimento das duas partes? 3) onde aconteceu? 4) usaram preservativos? 5) o parceiro era namorado ou um “ficante”? como resultado obteve-se: os seis adolescentes iniciaram a prática sexual entre oito e treze anos de idade, em geral com alguém que gostavam muito. vivem as amizades e as experiências amorosas intensamente compensando suas inúmeras carências. a desestruturação familiar é visível. alguns deles nem sequer conheceram ou foram criados pelos pais. sofrem desde a infância o abandono e o descaso. desde pequenos, visualizaram o uso e tráfico de drogas pelos adultos da família e incorporaram estes vícios à própria vida. Vivenciaram a desagregação de suas famílias e tiveram que “aprender a se virar”. os seis jovens do abrigo provisório municipal são o retrato da desigualdade social. vivem em situações subumanas, como se fossem uma subespécie humana, pois não possuem família, casa para a preservação da saúde do corpo e da mente. a fala e as ações dos jovens do abrigo municipal nos fazem acreditar que a sexualidade significa para eles uma fuga dos problemas vivenciados. Demonstram grande interesse pelo sexo. não existem regras para o exercício da sexualidade nem uma idade adequada para o início da prática sexual. estes adolescentes, como tantos outros que dividem suas vidas entre a rua e instituições, não tiveram o mesmo aprendizado em relação à vida sexual que os jovens de classe média. não se pode afirmar que a sexualidade para estes jovens seja vivenciada como violência. pode-se caracterizar que a sexualidade, para os seis jovens, é fonte de autonomia e quase a única de prazer na vida que levam.

PALAVRAS-CHAVES: SAÚDE PÚBLICA. VIOLÊNCIA. ADOLESCENTES.

ABSTRACT

A study has been accomplished concerning a group of adolescents from the municipal provisional shelter of Maringá/ Paraná that presented early sexual behavior with consented or not sexual intercourse. thus, Lukde and Andre's (1986) methodological orientation was followed for the case study. the theoretical references were Claudia Fonseca and Marcelo Medeiros's studies. the information gathering was accomplished together with the municipal provisional shelter of Maringá/ Paraná during two months. we paid visits on three days during the week, at the beginning, in the middle and at the end of it. six adolescents aging from 14 to 16 years old were the sample for this study. we interviewed the young people on different days always raising the same questions. the questions were 1) can you tell me your first sexual experience? 2) was there approval from both sides? 3) where did it happen? 4) did you wear preventive condom? 5) was the partner a boy/girlfriend or a "date"? as a result, we obtained: the six adolescents started sexual intercourse between eight and thirteen years old, usually with someone they cared for a lot. they live the friendships and the love experiences intensely to make up for their uncountable needs. the family being not structured is visible. some of them did not even know or were raised by their parents. they suffer since their childhood the abandonment and the carelessness. since little, they have visualized the drug utilization and traffic by the adults in their family and so they incorporate these addictions into their own lives. they endured the disintegration of their families and had to "learn how to deal with it". the six young people from the municipal provisional shelter are the picture of the social differences. they live subhuman situations, as if they were a human subspecies, seen that they do not have a family and a home for their body and mind health preservation. the speech and actions of the young people from the municipal shelter make us believe that the sexuality means for them an escape from the problems they live. they demonstrate a great interest in sex. there are no rules for the exercise of sexuality, neither an adequate age for the beginning of sexual intercourse. these adolescents, as many others that spend their lives on the streets and in institutions, did not have the same type of learning regarding sexual life as the medium class youth. it cannot be asserted that the sexuality for these young people is experienced as violence. the sexuality may be characterized, for the six young people, as a source of autonomy and almost the only source of pleasure inside the life they endure.

KEY WORDS: PUBLIC HEALTH. VIOLENCE. ADOLESCENTS.

SUMÁRIO

1	A VIOLÊNCIA COMO APROXIMAÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO.....	9
2	AS CRIANÇAS E JOVENS NA POLÍTICA DE EXCLUSÃO CULTURAL: CONTEXTO TEÓRICO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA OS JOVENS.....	15
2.1	OS ESTUDOS DA DÉCADA DE 90, SÉCULO XX, NO RIO DE JANEIRO – RJ.....	18
2.2	OS ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS DE FONSECA: VALORES E SÍMBOLOS NO MUNDO POBRE.....	20
2.2.1	AS PESQUISAS NAS FAVELAS DE PORTO ALEGRE: EXCLUSÃO ECONÔMICA E CONSTRUÇÃO DE VALORES.....	21
2.2.2	AS CRIANÇAS NAS FAVELAS.....	24
2.2.3	A VIDA MATERIAL NAS FAVELAS: FOFOCA E OLHO-GRANDE.....	28
2.2.4	OS JOVENS NAS FAVELAS: TRABALHO, SEXUALIDADE E HONRA.....	33
2.3	OS ESTUDOS DE MEDEIROS: UM OLHAR DA ENFERMAGEM.....	34
3	A VIOLÊNCIA NA TRAJETÓRIA DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO ABRIGO PROVISÓRIO MUNICIPAL: QUESTÕES METODOLÓGICAS	44
3.1	PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS.....	44
4	A EXPERIÊNCIA COM OS ADOLESCENTES DO ABRIGO: resultados do estudo.....	48
4.1	CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO, ATIVIDADES REALIZADAS E ENCAMINHAMENTOS.....	48
4.2	CONHECENDO OS JOVENS EM ESTUDO.....	51
4.2.1	PRIMEIRAS IMPRESSÕES.....	51

5	VOZES DOS JOVENS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	59
5.1	OS ESTUDOS DE FONSECA (1995; 2000): CONTEXTO SOCIAL PARA CONHECERMOS OS SEIS JOVENS DO ABRIGO MUNICIPAL DE MARINGÁ.....	59
5.2	O SEXO COMO PARTE DA VIDA.....	62
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
	REFERÊNCIAS.....	76
	ANEXO 1 –MAPEAMENTO DO ESTUDO DO CONSELHO TUTELAR.....	79
	ANEXO 2 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	81
	ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	83
	ANEXO 4 - QUESTIONÁRIO BASE.....	85

1 DELINEANDO O ESTUDO

Este estudo aborda aspectos da vida de adolescentes do Abrigo Provisório Municipal de Maringá - PR que apresentavam comportamento sexual precoce, com práticas sexuais consentidas ou não.

O objeto da pesquisa foi definido a partir da compreensão do senso comum de que existe uma relação entre sexualidade e violência, sofrida e praticada, dos jovens em situação de risco na rua ou em família. Ou seja, para muitos de nós, quando se fala em sexualidade entre jovens pobres, fala-se em violência. Apesar de reconhecer que este sinal de equivalência é fruto de preconceito, inquietava-nos saber como o jovem em situação de risco concebe o sexo e quais são as situações de violência que ele vivencia relacionadas a sua vivência sexual.

O interesse inicial pelo tema “sexualidade intanto-juvenil” surgiu a partir de minha participação em um projeto de extensão universitária em que trabalhávamos com famílias de pacientes crônicos que haviam passado por um episódio de internação no hospital universitário por meio de visitas domiciliares. Naquela ocasião havia alguns casos de negligência no cuidado ao idoso/doente dependente de cuidados. A dificuldade em lidar com estas questões motivou a que elas fossem discutidas nas reuniões de estudo do grupo de pesquisa a que pertencíamos – NEPAAF – Núcleo de estudos, pesquisa, assistência e apoio à família. Descobrimos então que entre as famílias assistidas nos diversos projetos vinculados a este núcleo existiam vários e diversificados casos de violência. Esta questão inclusive foi abordada em um estudo de Waidman, Decesaro e Marcon realizado em 2004, a partir da vivência e de situações encontradas nas famílias assistidas no projeto “Promovendo a vida na Vila Esperança”.

O grupo, como um todo, ficou conscientizado quanto à importância de o profissional de enfermagem estar mais bem preparado para lidar com esta situação, de forma que passamos a buscar subsídios na literatura para apoiar nossa atuação junto àquelas famílias. No processo de revisão bibliográfica, e mesmo de discussão teórica sobre violência, um dos aspectos que mais chamavam nossa atenção e mais nos incomodavam, afligiam e causavam sofrimento era a violência sexual contra a criança na família.

Quase na mesma época e em pequeno espaço de tempo, a mídia local divulgou dois casos de violência sexual contra crianças, uma delas com menos de um ano de idade, o que muito nos chocou, pois víamos acontecerem aqui em nosso meio situações que pensávamos serem freqüentes só nos grandes centros. Este fato nos incitou e sensibilizou quanto à importância de desenvolver estudos nesta área, motivando-nos a apresentar, por ocasião da seleção para o mestrado em enfermagem, uma proposta de pesquisa com este enfoque. Queríamos conhecer o percurso feito pela criança que havia sofrido violência sexual e por sua família em termos de atendimento jurídico, psicológico e de saúde.

Assim, numa tentativa de canalizar meus esforços e também de direcionar minhas atividades relacionadas ao curso, propus como trabalho de conclusão da disciplina de epidemiologia fazer um levantamento dos atendimentos realizados no conselho tutelar de Maringá – PR, no período de abril a maio de 2004. Dos atendimentos realizados no período, foram examinadas 34 fichas de dados. Os dados foram coletados em uma planilha pelos próprios conselheiros, uma vez que não nos foi autorizado o acesso direto às fichas.

Dos 34 formulários, 10 correspondiam a crianças do sexo masculino e a maioria tinha idade entre 4 e 6 anos. No que se refere à escolaridade, oito (23,5%) não estudavam, sendo que seis delas (75%) tinham menos de cinco anos. Dezesete (50%) estavam cursando o ensino fundamental, seis (17,6%) a educação infantil e duas (5,8%) estudavam em escola especial.

O tipo de violência mais freqüente foi a física, encontrada nove (26,4%) vezes isoladamente; mas ela também apareceu associada a outros tipos de violência, como violência psicológica, convivência com alcoólatra, violência sexual e negligência, totalizando 18 casos (52,9%). Os dados não nos permitem inferir se há ou não uma faixa etária predominante para este tipo de violência, já que foram encontradas idades entre dois e 15 anos numa freqüência pouco diferente uma da outra.

Isoladamente, a violência psicológica foi o segundo tipo mais comum, estando presente em seis casos (17,6%); mas esteve presente de forma associada a mais 16 casos (47%). Este tipo de violência encontra-se associado a violência física, violência sexual, abandono, convivência com álcool e estupro consensual. A violência sexual, por sua vez, foi encontrada em dois casos isolados (5,8%) e em mais seis casos associados (17,6%).

Para fazer uma localização espacial dos casos de violência contra a criança e adolescentes na cidade de Maringá, levantamos a procedência de todos os casos denunciados no conselho tutelar durante o ano de 2003 e verificamos que as crianças e os adolescentes agredidos eram provenientes de 85 dos 336 bairros existentes no município, porém, era possível perceber uma concentração de casos em sete bairros, coincidentemente alguns dos menos favorecidos economicamente do município.

Dos sete bairros apontados, o Santa Felicidade destacava-se por apresentar, dentre os demais, o maior índice de violência (3,96%). Este resultado apontava a necessidade de realizar nossa pesquisa com os jovens deste bairro, porém, não tínhamos tempo suficiente nem formação que nos possibilitasse atuar junto a eles de forma que criássemos o vínculo necessário para que eles nos falassem de suas vidas como pretendíamos. Foi-nos então sugerido trabalhar com jovens em situação de risco e que estivessem vivendo em uma instituição, como é o caso do Lar Betânia, que existe na cidade há 38 anos e abriga meninos e

meninas que sofreram violência; porém esta instituição, à época, estava com problemas administrativos e fechada.

Surgiu, então, a possibilidade de realizar o estudo com adolescentes do Abrigo Provisório Municipal de Maringá – PR, cujo atendimento é ininterrupto durante todo o ano. Estes jovens apresentavam comportamento sexual precoce, com práticas sexuais consentidas ou não.

A violência, de forma geral, tem aumentado em números e em notificações, no entanto ainda há uma subnotificação, reforçada pelo pacto de silêncio da família e da sociedade. Furniss (1993) afirma que as crianças que sofrem abuso são frequentemente obrigadas a não revelar a ninguém, reforçando a idéia de segredo, que será reforçado por ameaças e suborno. As crianças que sofrem este tipo de violência podem adaptar-se psicologicamente a maus-tratos e esses eventos podem ser vistos como normais. Há a banalização da violência.

Faleiros (2004) enfatiza a idéia de que a violência intrafamiliar não é, em si, determinante do ingresso da criança e do adolescente na rede de prostituição. Segundo a pesquisadora:

A rede de exploração comercial está articulada à rede familiar fragilizada pela pobreza e pela violência e por outras formas diferentes de ruptura da trajetória familiar e social como desemprego, separação, migração, mortes, disputas. A exploração sexual é uma violência sistemática que se apropria comercialmente do corpo como mercadoria para auferir lucro (FALEIROS, p. 8 2004).

Embora o número de denúncias de violência sexual praticada contra crianças e adolescentes seja menor do que o dos outros tipos, os números encontrados são preocupantes, pois se estima que para cada situação de abuso sexual que vem a público, outras vinte não são denunciadas, constituindo as chamadas “cifras negras” (ABREU,1999).

O silêncio camufla essa ação. a violência sexual, se fosse clara, revelaria nossa

perversidade e enfermidade. Ninguém fala abertamente sobre este tipo de violência. Além de o abuso sexual ser de diagnóstico complexo e difícil, os sistemas de notificação da saúde também contam com o tabu sobre o sexo. Outro aspecto importante é que, nos casos de exploração sexual, membros da família aparecem de forma expressiva como aliciadores diretos deste tipo de violência, isto sem considerar os casos em que a família é conivente com a situação, os quais são de mais difícil quantificação, por se apresentarem de forma diluída ou camuflada nos relatórios.

A violência sexual está muitas vezes interligada às relações de parentesco. Quando ocorre este problema em família, geralmente, ele tem um histórico. Trata-se de um ato progressivo, chegando, às vezes, até à adolescência, com seqüelas psicológicas seriíssimas. As pessoas vitimizadas são traumatizadas pelo medo, pela vergonha, pelo terror. Elas se reprimem para não falar do assunto. Sofrem de depressão, descontrole, anorexia, dificuldades nos estudos, problemas de concentração, entre outros (FALEIROS, 2004).

Seixas (2004), ao analisar dados da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia) e do Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância de Campinas, SP (Crami), estimou que de 1251 crianças atendidas no Instituto Médico Legal de Campinas, 67,3% foram vítimas de abuso sexual entre sete e 14 anos; 31,7% entre dois e sete anos e 1% abaixo de dois anos de idade (1982-1985). Por outro lado, 14,4% dos adolescentes atendidos no Serviço de Assistência Integral à Adolescência (SAIA) de São Paulo demonstram ter sido alvo de vitimização sexual.

Sabemos que o enfrentamento de situações de violência sexual não é nada fácil, pois envolve uma multiplicidade de fatores. Ao se sair do ambiente doméstico, entram em cena o ambiente jurídico, a questão econômica e a escassez de bibliografia sobre o tema na área da saúde, e mais especificamente na enfermagem, o que dificulta o trabalho para as pessoas que precisem de literatura sobre o tema (OLIVEIRA e MARCON, 2005).

A violência sexual envolve o trabalho de uma equipe multidisciplinar junto às crianças e adolescentes, embora seja possível perceber que as atividades estão embasadas principalmente na atuação de psicólogas, assistentes sociais e terapeutas familiares.

De acordo com Oliveira e Marcon (2005), o profissional enfermeiro pode ajudar as famílias violentas a refletirem sobre a sua conduta com a criança e o adolescente, buscando alternativas de não-violência, e os profissionais da enfermagem devem ampliar sua compreensão a respeito dos casos de violência em sua complexidade e no contexto em que acontecem. Segundo as autoras, a área da enfermagem muito precisa avançar quanto a esta problemática.

Acreditamos, assim como Oliveira e Marcon (2005), que focalizar o tema e atuar sobre ele não constituem apenas uma questão de responsabilidade profissional, mas também de cidadania, de pleno exercício da democracia, exigindo envolvimento ativo e significativo.

Assim, diante do acima exposto, propusemo-nos a estudar um grupo de crianças e adolescentes do Abrigo Provisório Municipal de Maringá – PR, quanto a questões da sexualidade. Queríamos saber se o exercício da sexualidade entre eles era uma prática violenta.

2 AS CRIANÇAS E JOVENS NA POLÍTICA DE EXCLUSÃO CULTURAL: CONTEXTO TEÓRICO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA OS JOVENS.

De algum modo, o Brasil se apresenta como caso extremo da sociedade de classes. Aqui, a diferença entre a elite - de uma sofisticação cosmopolita - e o Zé Povinho não cessa de crescer. Primeiro em termos financeiros. O Brasil bate todos os recordes de má distribuição de riquezas. Segundo cálculos atuais, a desigualdade é a mais terrível do mundo: mais da metade da população Brasileira ainda vive com menos de US\$ 70 por mês. No plano cultural, isso criou um sistema que em muitos aspectos, pode ser comparado ao *apartheid* da África do Sul (FONSECA, 2000).

Nosso trabalho de pesquisa teve como foco o conhecimento da experiência de vida dos adolescentes submetidos a práticas sexuais. Nosso objetivo, por algum tempo, foi compreender a situação das práticas sexuais entre jovens, ou seja, se elas eram consentidas ou não. Este problema envolveu estudos sobre a violência infanto-juvenil. Neste capítulo, portanto, vamos apresentar os estudos, por nós resgatados, sobre a violência entre crianças e jovens no Brasil.

Camargo e Buralli (1998) estudaram a violência física causada por um membro da família e demonstraram que a violência física é a principal causa de denúncias de agressões nas instituições por elas estudadas, o Conselho Tutelar, a Delegacia da Mulher, a Delegacia de Polícia e o Fórum Municipal. A pesquisa das autoras aponta o pai como agressor mais freqüente, no entanto, estes agressores negam a prática da violência contra a família, pois a entendem como prática educativa. Camargo e Buralli (1998) destacam que esta violência contra criança e adolescente é um exercício de poder, expresso por meio da força, com a finalidade de “manter, destruir ou construir” direitos e apropriações. O pai concebe-se como o máximo poder na família e o mantém pela violência.

As pesquisadoras mostram dois tipos de violência: a violência que deixa marcas no corpo, a qual pode matar e é percebida; e a violência que oprime e coisifica o ser humano e não deixa marcas visíveis no corpo, mas leva as crianças e os jovens ao mesmo destino, ou seja, à exclusão da família e ao início de uma trajetória de riscos de vida. Acrescentam que sinais de agressividade são, de certa forma, cultuados pela família, uma vez que são sinais de autoridade. Essa violência permeia as relações interpessoais e é acentuada pelas desigualdades sociais.

Outro estudo - *De pivetes e meninos de rua*: um estudo sobre o Projeto Axé e os significados da infância, de Rodrigues (2001), foi desenvolvido em Salvador, Bahia. Um dos principais problemas da criança e/ou jovem submetido à violência é entender qual é o significado do corpo para a criança e o adolescente. Para a pesquisadora (2001, p. 15),

Como o louco, a criança não pode falar. Há uma rejeição no seu discurso. A palavra só lhe é concedida simbolicamente. Tal como se deu com a loucura (Foucault, 1996), os discursos produzidos sobre a infância, ao longo do século XIX e em parte considerável no século XX, revelaram e reproduziram a ideologia subjacente ao sistema de exclusão, notadamente por serem proferidos por aqueles aos quais se delegou o direito de fazê-lo, os homens da lei e da ciência.

Essa fala de Rodrigues foi vital para a pesquisa que desenvolvemos. Precisávamos compreender o porquê de os adolescentes nem sempre apontarem os adultos que os violentavam ou as seduziram. A pergunta era: por que os adolescentes violentados apresentam um comportamento de recusa em denunciar? A palavra da criança ou do adolescente violentado não é crível para muitos adultos, e os jovens sabem disso. Calligaris (2005) aprofunda essa idéia de Rodrigues (2001). Para ele, a violência sexual não é apenas uma brutalidade direta e física, é também uma pressão ou uma chantagem afetiva que arranca uma espécie de consentimento da criança ou do jovem, de tal forma que a vítima não consegue saber se ela deve acusar o estuproador ou se é ela a culpada. Segundo Calligaris (2005), uma jovem que denuncia um familiar próximo que a estuprou ou a estupra

regularmente, ao voltar para casa, vai encarar a vingança violenta de seu estuprador, sem nenhum amparo. Diz Calligaris (2005) que se o estuprador for alguém que a criança / jovem ama e idealiza, ela se sente traída em seu afeto, porém não denuncia seu algoz, pois sente culpa e vergonha de ter sido estuprada. Ou seja, a criança, por sentir apego afetivo ao adulto que a estuprou, não é capaz de discernir se foi ela quem o seduziu ou se foi o adulto que a violentou, por isso muitas crianças não apontam o adulto algoz. Há uma ambigüidade que permeia essa relação. Por outro lado, se ela denuncia e volta para casa, será punida de modo mais intenso e cruel.

Destacamos, dentre os estudos, três pesquisas realizadas no Rio de Janeiro na década de 90 do século passado. A primeira delas foi realizada pela Secretaria de Estado da Polícia Civil (SEPC) e indica as estatísticas de violência na capital carioca. Os outros dois estudos foram realizados por Assis (1994) e Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde - CLAVES (1993). Estas pesquisas tratam da vida de crianças institucionalizadas que sofrem maus-tratos nas ruas.

As pesquisas de Fonseca (1995; 2000) forneceram-nos subsídios teóricos da antropologia para que compreendêssemos melhor como vivem grupos sociais marginalizados, ou seja, como se organizam as famílias, as crianças e os adolescentes que vivem completamente fora do circuito econômico do país.

Os estudos de Medeiros et al. (2001) apresentam uma dimensão muito importante para nosso trabalho, pois apontam a sexualidade dos jovens que sobrevivem nas ruas como o principal exercício de vida, prazer e identidade. Os jovens de Goiânia retratados por Medeiros et al. (2001), desprovidos de escola, de família, de trabalho, de proteção dos adultos, de comida e roupa, encontram no corpo o último reduto de felicidade e de identidade. Daí a sexualidade ser exercida, em alguns casos, como ato compulsivo. O

comportamento das jovens mostra, normalmente, uma necessidade de sentir-se desejada e o sexo entre eles é muito comum.

Vamos, então, a seguir, relatar estes estudos enfatizando suas terminologias, metodologias, análises e resultados.

2.1 OS ESTUDOS DA DÉCADA DE 90, SÉCULO XX, NO RIO DE JANEIRO - RJ.

O levantamento de 1992 sobre violências registradas pela Secretaria de Estado da Polícia Civil (SEPC) do Rio de Janeiro aponta distintas formas de violência contra crianças e jovens denunciadas. Este levantamento mostra que dos 2.577 eventos não-fatais envolvendo crianças e adolescentes de 0 a 17 anos, as ocorrências mais frequentes foram às lesões corporais culposas (49,5%), 11,2% correspondem aos crimes sexuais e, destes, 6,2% correspondem a estupro e 5% a atentados ao pudor de forma violenta (Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde, 1993).

A pesquisa do SEPC mostra que os casos registrados na polícia representam apenas uma pequena parcela da violência contra a criança e jovens. A violência doméstica, por exemplo, está pouco presente nas denúncias policiais, demonstrando que a população, ao procurar auxílio dos serviços de segurança, faz seleção dos casos que denuncia. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE (1989) afirma que, no Brasil, a infância e a adolescência são períodos em que crianças e jovens ficam expostos a maior violência. Para a SEPC, a situação das crianças pobres institucionalizadas no país é alarmante, pois não há programas alternativos de educação nem de reinserção familiar.

O Centro de Estudos Latino Americano de Violência e Saúde (1993), também realizou na cidade do Rio de Janeiro, um estudo sobre as condições de atendimento de três instituições que atendem "menores" infratores que convivem com as crianças abandonadas. O centro observou a falta de estrutura para reintegrar os adolescentes no convívio familiar e, também, a ausência de programas alternativos de educação para capacitar os jovens para o

mercado de trabalho. Este centro (1993) constatou a ausência de meios efetivos para trabalhar com as famílias, o que comprometia as possibilidades de reinserção social das crianças e dos jovens. Examinou o projeto educacional dessas instituições e notou que não havia acompanhamento familiar, psicológico e escolar para aqueles que voltavam a viver com a família.

Outra pesquisa importante é a de Altoé (1990 apud ASSIS, 1994). Altoé (1990) descreveu a rotina de vida de crianças e adolescentes institucionalizados em uma fundação filantrópica no Rio de Janeiro que atendia 2.000 crianças e adolescentes pobres no ano de 1990. Detalha a carência psicológica e social generalizada das crianças devido,

[...] à transferência múltipla de ambiente de vida, ao rodízio de funcionários, ao atendimento impessoal e despersonalizante, à impossibilidade de construir laços afetivos significativos, hipoestimulação do desenvolvimento motor, fechamento para o mundo exterior, monotonia do cotidiano e pobreza das relações sociais (ALTOÉ, 1990, apud ASSIS, 1994, p. 266).

O estudo de Altoé (1990 apud ASSIS, 1994) chama a atenção, ainda, para o sistema educacional da instituição, que, sem nenhuma inovação pedagógica, opta pelo sistema rigoroso e punitivo. Para Altoé (1990), esse caráter de educação pelo castigo impossibilita a interiorização da disciplina de forma positiva e favorece o desenvolvimento de atitudes rígidas e punitivas nas crianças e jovens. Esta educação não destoa da vida que levam nas ruas e,

[...] o sofrimento é fabricado pelo sistema institucional que, pela tentativa de resguardar, proteger e educar, torna a vida de milhares de crianças brasileiras infâncias desperdiçadas, infâncias perdidas, expropriadas das possibilidades de futuro (ALTOÉ, 1990, apud ASSIS, 1994, p. 268).

Ainda Altoé (1990), aponta em seu estudo que cerca de 10% das crianças internas não tinham nenhum membro familiar e que a maioria das crianças, mesmo com família, eram abandonadas nas instituições devido à miséria em seus lares. Este quadro de pobreza levava essas crianças e jovens à violência das ruas e à prostituição.

De acordo com o Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde (1993), a vivência de meninos e meninas nas ruas significa o convívio diário com a violência e a morte. A violência se manifesta pela falta de afeto, de condições saudáveis de vida, por ameaças, pela indução ao crime, por maus-tratos praticados por policiais e por outros "donos da rua", como os fiscais de comércio, policiais, seguranças de lojas, além de serem estigmatizados como os "futuros bandidos".

2.2 OS ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS DE FONSECA: VALORES E SÍMBOLOS NO MUNDO POBRE.

Os estudos do Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde (1993) e Assis (1994) nos apresentam as estatísticas da violência contra crianças e jovens que estavam nas ruas e em algumas instituições do Rio de Janeiro na década de 90 do século passado. Outros estudos chamam a atenção para a violência dos jovens analisando as práticas de comunidades que ficam alijadas da vida econômica. Nesse caso, tomamos as investigações antropológicas de Fonseca (1995; 2000) e da área de enfermagem de Medeiros (2001).

Os estudos de Fonseca (1995; 2000) e de Medeiros et al. (2000; 2001; 2002; 2004) complementam o quadro dos estudos do Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde (1993) e Assis (1994); Fonseca (1995; 2000) e Câmara et al. (2000) analisaram o plano simbólico das relações entre os adultos e as crianças e jovens que vivem em situação de pobreza quase absoluta. Estudaram grupos econômicos, sociais e culturalmente excluídos, e nestes grupos apontam como se localizam as crianças e os jovens.

Apresentaremos, então, os estudos de Fonseca (1995; 2000) e Câmara et al. (2000), destacando seus procedimentos metodológicos, os termos e os conceitos de seus estudos.

2.2.1 AS PESQUISAS NAS FAVELAS DE PORTO ALEGRE: EXCLUSÃO ECONÔMICA E CONSTRUÇÃO DE VALORES.

Claudia Fonseca é antropóloga e, em seus estudos *caminhos da adoção* (1995) e *família, fofoca e honra* (2000), investigou no contexto de *apartheid* social existente em duas favelas de Porto Alegre – a vila do Cachorro Sentado e a vila São João, grupos de mulheres, homens, crianças e jovens destas favelas que, sobrevivendo em condições materiais e subumanas, constroem valores radicalmente opostos aos valores da classe média. Esses grupos, como ressalta Fonseca (2000), vivem os únicos momentos de contato interclasse apenas na conversas com a “patroa” ou durante um assalto. As barreiras existentes entre as casas burguesas de classe média são quase intransponíveis entre os dois mundos, nem os mesmos meios de transportes e bairros eles partilham. “Para os ricos, há motoristas e escolas particulares, para os pobres, transporte coletivo e escolas sucatadas” (FONSECA, 2000).

Fonseca (1995; 2000) localizou nos dois estudos o que chamou de circulação de crianças. Circulação de crianças significa o vai-e-vem de crianças que são adotadas sem os problemas usuais que ocorrem na classe média. Em *caminhos da adoção*, Fonseca (1995) retrata esta circulação de crianças como elemento de troca e como meio de negociação entre os adultos, pais e avós ou outros. Estes adultos estão envolvidos com algum grau de parentesco com uma criança, e na medida em que a mãe não pode mais cuidar dela, eles reivindicam sua adoção, ou seja, reivindicam seus cuidados sem nenhuma passagem legal; trata-se de levar a criança para casa e cuidar dela como se fosse seu filho.

Pode parecer estranho aos nossos valores, mas na favela do Cachorro Sentado, estudada por Claudia Fonseca entre 1981 a 1983, a vida se passa de maneira diferente.

As pessoas da vila do Cachorro Sentado - diz Fonseca (2000) - por não fazerem parte da rotina cotidiana da produção industrial e por viverem em condições miseráveis, sem emprego fixo e sem salário, identificam-se e são identificadas pelos outros como situadas no nível mais baixo da hierarquia social. A classe média serve-se de sua própria definição de honra para desqualificar os pobres insubmissos. A virtude está do lado de quem trabalha, tem horário, tem salário, tem casa em bairros asfaltados, com saneamento. Quem fica fora desta vida e não consegue alcançá-la ou não aceita suas regras é qualificado como gente “sem-vergonha” (FONSECA, 2000). Estas questões são tratadas em *família, fofoca e honra*, quando Fonseca (2000) apresenta os conceitos de honra, fofoca e violência.

E para a classe média a honra significa trabalhar nas instituições consagradas pela sociedade, significa estar inserido na rotina do trabalho industrial, comercial, no trabalho escolar e outros, para as pessoas da vila Cachorro Sentado e São João a noção de honra está ligada aos valores do homem, da mulher, dos velhos. Por exemplo, se um homem não quer que sua mulher “batalhe”, ela não deve trabalhar fora de sua casa, pois isso o afronta. Por outro lado, as mulheres apanham de seus maridos, mas suportam este comportamento, pois faz parte dos valores femininos ficar em casa trabalhando. Trata-se de uma barganha.

Ser honrado na classe média é ter trabalho e estar inserido na economia do país, ter filhos na escola, manter certo *status* social. Já as famílias que vivem na vila do Cachorro Sentado não conseguem manter seus filhos na escola, devido à burocracia e aos gastos. Poucos são os pais e mães com emprego estável, pois geralmente eles trabalham nos setores informais da economia, como empregadas domésticas, papeleiros e operários da construção civil ou catadores de lixo.

Na vila do Cachorro Sentado também existe hierarquia. Com os mais pobres contribui-se com um prato de comida. Dessa ajuda mútua podem nascer conflitos como a

amizade e, também o ódio, mas em geral esses conflitos se resolvem ali mesmo, em função da hierarquia interna de poder.

A hierarquia social das duas favelas estudadas por Fonseca (2000) não corresponde à dos grupos de classe média e à elite econômica. Nessas vilas há os grupos mais fortes e os menos poderosos. Os primeiros impõem sua vontade aos outros, ou pela violência física ou pela necessidade de entrosamento. Forma-se, assim, para Fonseca (2000), uma hierarquia de poder na qual os comerciantes e os homens armados, como os “maconheiros” (termo utilizado para designar um determinado grupo de jovens), ficam no alto da hierarquia social.

Dessa maneira, tanto na vila do Cachorro Sentado quanto na vila São João, as pessoas criam formas simbólicas para anunciar seus valores sociais de existência diferentes da classe média. Para resolver a hierarquia do poder pela força, os homens que ficam submetidos aos mais fortes encontram brechas e táticas para neutralizar esse poder. Assim, em especial na vila do Cachorro Sentado¹, a polícia não intervém da mesma maneira que nos outros bairros da cidade, pois é inconcebível que um homem, por exemplo, dê queixa de um vizinho que lhe roubou algo. Tudo se resolve ali mesmo (FONSECA, 2000).

Os homens - ressalta Fonseca (2000) - mantêm seu poder sobre a esposa. A maioria delas não trabalha, com a “desculpa” de não ter onde deixar os filhos. No entanto, essa recusa ao trabalho significa escapar da excessiva jornada de trabalho e, ainda, ficar sem o salário que recebem, pois o marido vai tomá-lo. A autoridade do marido se estende a tudo o que pertence a sua mulher, ela queira ou não. A mulher que trabalha, portanto, só tem a perder. Os homens, em geral, interpretam o trabalho feminino remunerado, como já dissemos, como uma afronta a sua honra. Dizer que um homem “botou a mulher na batalha” é um dos piores insultos, pois significa no senso comum local que o homem vive do trabalho da mulher. O

¹ Na vila São João, os sinais de pobreza não são tão aparentes quanto na vila do cachorro sentado. Na vila São João, por exemplo, os moradores são em geral motoristas de ônibus, funcionários municipais, sapateiros e mecânicos, fato que os torna diferente dos habitantes da vila do Cachorro Sentado que não possuem emprego fixo, sobrevivendo de “bicos”.

emprego remunerado não aumenta o “status” da mulher dentro da casa. Pelo contrário, essa atividade mancha a imagem pública do marido, que passa a ser considerado pelos demais membros da vila como homem fraco que não tem capacidade de dar sustento a sua esposa. (FONSECA, 2000).

A presença de um homem no lar é importante, pois isto garante proteção à família. Quando ocorre a separação de casais, uma mulher não permanece muito tempo sem marido. O recasamento representa uma ruptura maior que a separação conjugal, pois é nesse momento que, muitas vezes, as mulheres se vêem obrigadas a livrar-se dos filhos de casamentos anteriores. Então entra em vigor a circulação de seus filhos. Ou seja, elas doam seus filhos para outras mulheres, geralmente parentes, sem enfraquecer necessariamente os laços afetivos entre mãe e filho. As mulheres, em geral, preferem colocar seus filhos na casa de um consangüíneo, e isso possibilita contato direto entre a criança, seus pais biológicos e adotivos (FONSECA, 2000).

2.2.2 AS CRIANÇAS NAS FAVELAS.

A noção de criança, para os grupos estudados por Fonseca (1995; 2000), não é a mesma noção que empregamos pedagogicamente. A criança não é alvo de abstração ou de inquietudes pedagógicas, de exames psicológicos, de ponderações maternas; a criança é objeto de convivência. Uma casa sem a presença de crianças e jovens é inconcebível, por isso os recém-casados procuram consolidar rapidamente seu “status” adulto tendo um bebê. Por causa das crianças ocorrem brigas² e é também por meio delas que se fazem amizades. As mulheres regram suas vidas em função das crianças. Todos os adultos se queixam das travessuras das crianças, mais ninguém jamais pensou em afastá-las das atividades do dia-a-

² Na vila do Cachorro Sentado, as famílias brigam e fazem amizade em função das crianças. Por exemplo, as crianças atiram pedras uma nas outras e por causa disso, suas famílias não mais se falam. Em contrapartida, quando as crianças fazem novas amizades, também seus pais o fazem.

dia dos adultos. O papel de pai e mãe na vila do Cachorro Sentado não é o de manter uma relação emocional apropriada com sua criança, mas sim o de assegurar as necessidades básicas. De acordo com Fonseca (1995), os primeiros nascidos de uma geração passam seus primeiros anos com a avó, que pode reivindicar, anos mais tarde, a companhia do neto que ela criou. Se, por um lado, as redes de parentesco se formam em função dessa circulação de crianças, por outro lado, as crianças podem ser usadas como elementos de troca para consolidar relações não sólidas. Uma mulher pode, por exemplo, deixar seu filho com a sogra por alguns anos para conquistar sua confiança. As crianças criam, portanto, laços entre vários adultos.

Fonseca (1995) define, então, circulação de crianças como prática social cultural das redes de pessoas que, a despeito de sua difícil situação econômica, garante a sobrevivência de crianças, parentas ou não. Para a pesquisadora, a creche, a adoção e até o abandono poderiam ser encarados dentro da modalidade do fenômeno de circulação. Na classe média, o modelo de família conjugal é pai e mãe, e as crianças são o veículo de um projeto familiar de longo tempo. Para esse modelo existir, todos fazem sacrifícios, ou seja, as famílias trabalham seu relacionamento conjugal investindo nos filhos para construir uma família. No outro tipo de família, o da favela, afirma Fonseca (1995; 2000) que cada membro está envolvido em uma rede consanguínea que exige constante demonstração de solidariedade, muitas vezes, em detrimento do laço conjugal.

As crianças são consideradas não como indivíduos singulares, mas como parte integrante do grupo de adultos.

Fonseca (1995) assinala que o comportamento das mães das favelas não é diferente do que foi o comportamento das famílias e mães das camadas médias brasileiras dos anos 50 e 60 do século XX. Nessas décadas, se a mãe biológica era uma moça solteira ou desquitada,

ou uma mulher casada que, por um motivo ou outro, doava (pelo menos temporariamente) o filho, diferentemente de hoje, os seus filhos não circulavam nem ficavam com famílias não aparentadas; nessas famílias de classe média, as crianças ficavam protegidas na rede consangüínea dos parentes.

Já nas favelas os papéis dos pais adotivos e biológicos se confundem na circulação de bebês. A mulher que dá à luz a criança não é necessariamente a mesma que a cria, mas ambas (mãe biológica e adotiva) podem reivindicar a identidade social de mãe, especialmente durante a vida adulta da criança, quando se espera algum tipo de ajuda. O provérbio “mãe é uma só” resume o que a mãe biológica geralmente reivindica. Na vila pouco importa se uma criança cresce chamando uma ou várias mulheres de mãe. Não é incomum adolescentes revezarem entre a casa de uma mãe e outra. Essas mães não se sentem abandonando seus filhos; consideram ter se sacrificado em benefício da outra família (FONSECA, 1995).

Uma mulher pode colocar seu filho em circulação pela escola ou pelas condições de vida que a outra família poderá proporcionar à criança. Esta mesma mulher pode dispor de um filho para solidificar laços com a sogra, ou se “separada”, pode ceder à insistência do novo marido mandando a criança para outro lar, já que não se sustenta filho de outro homem. Doar uma criança pode integrar os indivíduos em uma rede social na qual, em circunstâncias normais, teriam apenas lugares precários, subalternos³.

Fonseca (1995) descreve os três métodos usados pelos pais adotivos para reivindicar o pátrio poder sobre seus abrigados. O primeiro era difamar os pais biológicos com acusações sobre vícios, jogo, embriaguez e outras causas para que as pessoas desacreditem a solidez

³ Ao que tudo indica, como diz Fonseca (1995), a prática de circulação de crianças antecede em muito a legislação sobre adoção. Cabe, então, para a pesquisadora, a pergunta: é desejável, ou até possível, querer legislar sobre todas as transferências de crianças que ocorrem entre uma família e outra? em grupos populares afirma Fonseca (idem) que os pais adotivos conseguem registrar a criança órfã ou abandonada sem problemas, pois essas não são declaradas no hospital. Há, também casos de pais biológicos que, adiando a burocracia, só fazem a certidão de nascimento quando seu filho entra na escola ou quando precisa do título eleitoral. Nestas circunstâncias, quem saberá se os pais são verdadeiros ou não? - pergunta Fonseca (1995).

daquela família. O segundo era espalhar que a criança havia sido abandonada, que os pais biológicos dessas crianças nunca contribuíram para o sustento delas e que mesmo quando doentes não tinham nenhum interesse sequer em visitá-las. Como terceiro método, os pais adotivos demonstravam afeição pelos seus tutelados para reforçar a idéia de que as crianças adotadas eram tratadas naquela família como os filhos biológicos do casal.

Na vila do Cachorro Sentado, a mulher que dá à luz um bebê sabe que tem um tesouro nos braços. Assim, ela pode decidir premiar a família do marido dando a criança para a sogra criar e assim fortalecer os laços afetivos com esta, como já dissemos. No acordo firmado entre os cônjuges, a mulher gera filhos em troca de seu sustento econômico, sendo muito comum a gravidez logo após o “casamento”. Quando isso não ocorre, a virilidade do homem é questionada, mas em geral as jovens anunciam com rapidez sua gravidez. Elas fazem tudo para ostentar o zelo materno (FONSECA, 1995).

Na vila do Cachorro Sentado se vê, segundo Fonseca (1995), que a responsabilidade de educação não se restringe aos pais, mas estende-se a parentes ou mesmo à membros da comunidade. Na concepção dos moradores, quem tem que sustentar a criança são os pais, mais quando estes não o fazem, a identidade de pai passa a ser de quem sustenta a criança. Nesta comunidade, como ressalta Fonseca (1995), doam-se crianças como estratégia de sobrevivência, realizando-se negociações entre a família doadora e a família receptora da criança. As circulações voluntárias de crianças, ocorrendo normalmente no interior do grupo consanguíneo, tendem a repartir o peso financeiro do sustento de crianças entre os membros abastados do grupo ao mesmo tempo em que consolidam os laços de consangüinidade.

Fonseca (1995) sugere que nos grupos populares atuais certas mães concordam em ter seus filhos criados por outros, porque para elas essa não é a dimensão mais importante na relação familiar. A responsabilidade dessas mães é garantir bons cuidados à criança, mas nada impede que outros possam fazer isso por ela. Sem compreender (como as mães de

classe média) as fases de desenvolvimento emocional da criança, a mãe biológica faz pouca diferença em termos do bem-estar e do futuro sucesso do filho.

A inexistência de laços afetivos entre os casais da comunidade estudada é um dos fatores que contribuem para a prática da circulação de crianças. É muito comum a separação de casais, que se casam novamente. As mulheres, ao se casarem novamente, vêm-se obrigadas pelo novo marido a doar seus filhos, pois os homens não aceitam filhos que não sejam seus. As crianças, quando doadas, mantêm a identidade dos pais biológicos. As mulheres mais velhas adotam crianças na esperança de que estas lhes dêem amparo na velhice, uma vez que lhes foi prestada a caridade de criação. A maioria das mulheres que abrigam crianças, já passaram da idade de trabalhar, e cuidar de uma criança é uma atividade que preenche o dia. Fonseca (1995) acredita que as crianças são acolhidas por duas razões: uma delas é o prestígio que os pais adotivos passam a ter nas redes sociais e a outra diz respeito ao prazer derivado do convívio com as crianças.

Na vila do Cachorro Sentado, a FEBEM é um ponto de referência entre as famílias. O internamento de crianças ocorre, segundo algumas mães, devido à dificuldade financeira e à preferência da criança. A mãe não corre o risco de perder a criança, porque a familiaridade com o sistema minimiza o perigo de perder para sempre a guarda do filho. O internamento mostra-se, então, como estratégia nos relacionamentos familiares. Pode ser, também, o resultado de uma negociação entre mãe e adolescente em que fatores como delinquência e contribuição da criança para a unidade doméstica estão em jogo.

2.2.3 A VIDA MATERIAL NAS FAVELAS: FOFUCA E OLHO-GRANDE.

Fonseca (2000) aprofundou suas reflexões sobre parentesco em grupos populares urbanos de baixa renda na vila São João⁴, favela também localizada na capital gaúcha, em 1986.

A população da vila São João era etnicamente mista. Havia desde casas localizadas no morro (morro de invasão) - portanto, pobres - até casas situadas próximas às principais ruas da cidade. Os contrastes existentes entre ricos e pobres aparecem nos mínimos gestos da rotina cotidiana. Há, na vila São João, construções novas e grandes, com mobília “da moda”, e não distantes casas de madeira, sem asfalto na rua e com esgoto a céu aberto. Nessa vila as pessoas que conseguem melhores condições econômicas, como a de construir uma casa de “material” (alvenaria), ou então saem da vila em busca de bairros próximos ao centro, são vistas como traidores ou como pessoas que “têm o rei na barriga”. Teme-se que os afortunados, ao consolidarem seus projetos de ascensão, abram mão de seus amigos. “Essa ambivalência, é conseqüência dolorosa de um processo que poderíamos chamar de individualização social, está presente em todas as estratégias empregadas para subir na vida” (FONSECA, p. 112, 2000). A honra, na vila São João, representa um sistema absoluto em que é impossível duas pessoas estarem no mesmo nível, o que gera um jogo entre quase-iguais em que os indivíduos medem constantemente sua posição em relação ao outro. Nestes casos, ouve-se, segundo Fonseca (2000), o termo “olho-grande”, para designar a amargura daqueles que não conseguem escapar da miséria.

O “olho-grande” explica ao mesmo tempo empreendimentos ambiciosos e o fracasso desses, ou seja, de um lado designa a ambição daqueles que procuram estar acima dos outros

⁴ Em outra pesquisa de Fonseca, realizada em 1986 na vila São João de Porto Alegre e publicada na mesma obra *família, fofoca e honra* de 2000, a autora questiona as pesquisas realizadas até a década de 80, que reproduziam a cultura da pobreza, ou seja, os indivíduos criados em famílias desorganizadas, reproduziriam comportamentos disfuncionais, e que para quebrar o ciclo vicioso da miséria, bastaria agir no âmbito da socialização familiar, intervindo nas atitudes para que estas sejam mais adequadas. Fonseca (2000) observa, que a estratificação social não pára de se manifestar cada vez de forma mais violenta (em 1960, os mais ricos do mundo possuíam 30 vezes mais do que os pobres, e em 1978, já possuíam 78 vezes mais do que estes). O Brasil, segundo Fonseca (2000), pode até ser um caso-limite, mas à distância entre os ricos e pobres cria dois níveis de sociedade – o elitista e o popular - que se espalham pelo mundo inteiro.

e por outro lado é a força que leva os ambiciosos ao fracasso. É, segundo Fonseca (2000), um mecanismo delimitador de fronteiras, que se explica em parte pela amargura daqueles que não conseguem escapar da miséria. Entre pessoas supostamente iguais, os menos afortunados dificilmente perdoam aqueles que anunciam sua fortuna aos quatro ventos. A crença no “olho-grande” é muito grande, até mesmo os padres e as pessoas com maior escolarização acreditam nele. Há, também, uma desconfiança em relação aos líderes, por exemplo, os padres, que beneficiam as mulheres e que até dormem com as esposas dos fiéis.

Fonseca (2000) enfatiza a presença de uma ligação entre a fofoca e o “olho-grande”. A fofoca envolve relatos sobre fatos reais ou imaginários referentes ao comportamento alheio; é, para Fonseca (2000), sempre concebida como uma força nefasta, destinada a fazer o mal a determinados indivíduos. A fofoca serve para informar sobre a reputação dos moradores da vila, consolidando ou prejudicando sua imagem pública. Não se faz fofoca de estranhos, pois a estes não se impõem as mesmas normas; a fofoca representa integração no grupo. Pela fofoca, mesmo os mais pobres da vila podiam trazer alguma coisa à rede de trocas, ou seja, em troca de pequenos “bens” dados por vizinhos, as mulheres forneciam informações de interesse. Atacar pela fofoca um ou outro membro da vila é atentar contra sua imagem.

A fofoca age, neste aspecto, como uma força maligna capaz de “ferir” uma pessoa fisicamente. Faz-se aí sobressair o poder das mulheres, pois apesar de os homens possuírem maior força física, as mulheres são as principais manipuladoras da reputação masculina. A fofoca é permitida apenas às mulheres. Ao homem cabe impor sua vontade pela força física. A fofocadeira não deve ultrapassar os limites socialmente permitidos. Por toda a parte onde há rivalidade entre pessoas quase iguais, há fofoca. É, para Fonseca (2000), uma força niveladora, um instrumento dos que se sentem inferiores e que só podem realçar seu *status*

rebaixando o dos outros. É uma arma das pessoas que têm medo de ser inferiores, não das que querem ser superiores.

As mulheres da vila São João contam e se gabam de histórias em que mostram sua valentia ao se fantasiarem de homem, por exemplo, para seguir o marido traidor. Aliás, uma mulher ser traída, na vila, não é vergonha. Vergonha é não ir atrás para trazer o marido de volta ao lar.

Na vila São João as fofocas sobre o adultério são muito comuns. Mesmo quando as fofocas e comentários não têm nada a ver com o comportamento real das mulheres e homens em relação ao adultério se reconhece que as pessoas acreditam na traição conjugal freqüente, a qual, na maioria dos casos, fica impune. Assim, de acordo com Fonseca (2000), o “fantasma” dos cornos torna-se uma arma potente. Entre os vizinhos, as aventuras sexuais das mulheres adúlteras são comentadas quando se quer dizer algo do marido (que é corno o palhaço), quase nunca para desprestigiar a mulher ou seus consangüíneos. No entanto, as mesmas mulheres que criticam as cunhadas, noras e outros familiares são as que louvam afilhadas e vizinhas pela mesma liberdade sexual, ou seja, a distinção entre “sem-vergonhice” e “esperteza” não depende tanto do ato cometido quanto da relação entre quem está descrevendo e quem cometeu o ato.

Na vila nenhum homem é candidato a bom partido. A maioria dos homens são trabalhadores sem grande qualificação. Os homens dessa comunidade são considerados “cornos” até pelos relacionamentos de suas ex-mulheres. Se o homem não sustenta seu lado da barganha, ou seja, não sustenta dignamente sua esposa, dando-lhe o conforto por ela desejado, esta não se sentirá na obrigação de ser esposa fiel. O medo masculino gira em torno das atenções sexuais de sua esposa (FONSECA, 2000).

Quanto ao humor nas relações de gênero na vila São João, Fonseca (2000) fala que o humor licencioso pode ser instrumento usado para amenizar tensões latentes na estrutura

social. O humor pode também ser interpretado como uma maneira de aplacar angústias psíquicas, como uma válvula de escape por onde saíam às tensões do jogo atração / repulsa x transgressão / respeito à norma (DUNES, 1987, apud FONSECA, 2000).

Na vila, a violência e o crime formam o tecido da fofoca cotidiana. Os pontos de referência - em especial os de lugares - são identificados em função dos episódios de violência ocorridos. É por isso - afirma Fonseca (2000) - que as crianças da vila brincam de guerra nas ruas do bairro, com armas e facas imaginárias. A cada tarde os adolescentes se reúnem para fumar maconha, enquanto seus vizinhos cortam as árvores para evitar que os policiais ou “maconheiros” se escondam durante os tiroteios. A droga que mais aparece nas queixas cotidianas na vila São João é o álcool. O alcoolismo é motivo constante de separações conjugais. Drogar-se não é mais problemático que se embriagar. Uma enorme proporção de mulheres é dependente de tranqüilizantes, chegando algumas a relacionar sua dependência à dos “maconheiros”. A maconha é suspeita não somente porque cria bandidos, mas também porque atrai a polícia. Beber e drogar-se aqui não são atitudes repreensíveis, pois não inspiram indignação. Um homem que socorreu um vizinho por overdose fala do evento com tal naturalidade que parece mais uma crise cardíaca (FONSECA, 2000).

O roubo também faz parte da realidade local. Roubam tudo, desde roupas e objetos pessoais até eletrodomésticos e animais. Na vila, ao contrário do que revelam outras pesquisas em bairros populares da América Latina, roubam-se objetos onde é fácil e menos perigoso, ou seja, de amigos e parentes. Este tipo de roubo é tacitamente reconhecido. A polícia quase não protege o bairro, desempenha papel quase negligenciável. Aqui, o poder é regido por pessoas do bairro, que narram suas histórias e se vangloriam de suas façanhas (FONSECA, 2000).

Existem atos violentos que não são admirados. Assaltar a casa de um vizinho, estuprar uma criança, bater em idosos, nada disso é permitido pela moralidade pública da

vila; no entanto esses acontecimentos, se não cotidianos, são pelo menos comuns (FONSECA, 2000).

Assaltos à casa vizinha são muito comuns, mas nestes casos os “guris” não se vangloriam do fato, pois cultivam a reputação de guardiões da vila, promovendo a história de que só roubam os ricos. Na vila, como num passo de mágica, a agressão transforma-se em valentia; a bravura masculina não é mais um perigo, é uma proteção. A violência não é concebida em termos inteiramente negativos. Ela muda de cor segundo o contexto social: basta domesticá-la para torná-la uma aliada. Para isso, nada melhor que o interconhecimento e a sociabilidade dos membros da vila (FONSECA, 2000).

Fonseca (2000) faz distinção entre o roubo e a violência. O roubo é aceito como quase inevitável já à violência é vista como excepcional e condenável.

Os homens demonstram sua bravura na proteção da casa; especialmente os mais velhos e já desempregados descrevem como “pegaram” um ladrão que tentava roubar sua casa.

Fonseca (2000) enfatiza que, do ponto de vista das vítimas, o eixo do sistema é a força bruta, poder supremo que ordena a vida cotidiana. Não se trata de aprovar a violência, trata-se de reconhecê-la e saber lidar com ela.

2.2.4 OS JOVENS NAS FAVELAS: TRABALHO, SEXUALIDADE E HONRA.

Assim como na vila do Cachorro Sentado, os adolescentes homens da vila São João utilizam a tática de projetar sua imagem pública de prestígio apoiada na bravura e na virilidade, que significam coragem, e a virilidade manifesta-se pela conquista sexual de garotas (FONSECA, 2000).

Na vila São João, piadas e fofocas sobre o homem nos encontros com o sexo oposto são freqüentes. É comum ocorrerem brincadeiras sobre as proezas sexuais de um homem,

seja ele casado ou não. Há histórias de jovens que, de certa forma, conseguem as atenções sexuais das mulheres sem dar nada em troca. A “malandragem” masculina aparece nas fofocas sobre a sedução das virgens. A virgindade é descrita na vila em termos de “jóias”, é um “dote de pobre”, tão valioso quanto uma moeda usada pelas moças para conseguir marido. No entanto, os casamentos formais são muito incomuns; para se casar⁵, os casais precisam apenas ir morar juntos e “consumar o casamento”. A moça, neste último caso, deixa-se seduzir e troca sua virgindade pelo compromisso sério. No entanto, há casos na vila São João em que o jovem sedutor tenta anular o “casamento” alegando que a moça não era mais virgem (FONSECA, 2000). As moças virgens são poupadas de gozações sobre assuntos sexuais.

A relação dos homens com suas consangüíneas é muito forte, eles exercem pressão para que suas irmãs e filhas sejam respeitadas. Um jovem sedutor de virgens, ao recusar-se a casar com ela, pode receber ameaças severas, mas esta pressão nunca age contra a mulher. A moralidade sexual raramente é evocada para difamar uma mulher. Certamente, como diz Fonseca (2000), há uma noção de que a mulher deve ser casta e recatada. A reciprocidade entre marido e mulher se dá, como já dissemos, pelo desempenho do papel masculino de provedor responsável, como condição para uma sexualidade considerada satisfatória: a mulher dá seu corpo em retribuição ao que o homem lhe proporciona, como uma moeda de troca. No entanto, o que ocorre quando o pacto conjugal é rompido? Nestes casos, a jovem seduzida enfrentará difíceis condições para assegurar sua própria sobrevivência, mas em geral arruma novo casamento ou retorna à casa dos pais, fazendo-se de mulher batalhadora que foi enganada e abandonada.

2.3 OS ESTUDOS DE MEDEIROS ET AL.: UM OLHAR DA ENFERMAGEM.

⁵ Casar-se, na vila São João, é o mesmo que se juntar, na vila; não se faz distinção entre os casamentos formais

Marcelo Medeiros é enfermeiro e desenvolve na cidade de Goiânia / GO, trabalhos com crianças e adolescentes que vivem nas ruas. Entre os trabalhos de Medeiros, os mais relevantes para nossa pesquisa são, sem dúvida: *A Violência e a Criança e Adolescente em Situação e Rua na Cidade de Goiânia – GO (2002)*; *O Significado de Casa e Rua Para Meninos com experiência de Vida Nas Ruas: em Busca de uma Compreensão sobre as Implicações para a Saúde (2002)*; *Representações Sociais de DST / AIDS para Adolescentes de uma Instituição Abrigo com Experiência Progressiva de Vida nas Ruas da Cidade de Goiânia (2004)* e *A Sexualidade para o Adolescente em Situação de Rua em Goiânia (2001)*, *Aspectos da assistência prestada a crianças e adolescentes em situação de rua no município de Goiânia (2000)*.

Um estudo interessante realizado por Câmara et al. (2000), o qual tem Medeiros como co-autor, é “*Aspectos da assistência prestada a crianças e adolescentes em situação de rua no município de Goiânia*”. Esta pesquisa teve por objetivo identificar e caracterizar as instituições, governamentais e não governamentais, existentes no município de Goiânia que prestam assistência às crianças e adolescentes em situação de rua e visualizar o perfil dos atores sociais responsáveis pela coordenação das instituições de atenção a crianças e adolescentes em situação de rua. Utilizaram como metodologia a entrevista semi-estruturada, além da observação participante e registro em diário de campo. Para análise dos dados, os autores utilizaram a Análise de Conteúdo – Modalidade Temática proposta por Bardin (1979).

Pela pesquisa, os autores levantaram a existência de oito instituições governamentais no âmbito municipal voltadas especificamente para a atenção a crianças e adolescentes em situação de rua, sendo duas casas de passagem - uma masculina e outra feminina. O estudo teve como objetivo principal compreender a trama que configura as políticas de atenção a

crianças e adolescentes em situação de rua do município de Goiânia, através do conhecimento das instituições, governamentais e não governamentais, destinadas à aplicabilidade destas políticas. Os educadores ligados a essas casas tinham o papel de abordar a crianças em situação de rua e ofereciam serviços básicos de apoio, como alimentação, local para repouso e higiene corpórea, além de atividades recreativas e informativas.

Os pesquisadores encontraram também cinco casas / lares, o que o Estatuto da Criança e do Adolescente (E. C. A) caracteriza como instituições / abrigos. Eram três masculinas e duas femininas, todas não governamentais (ONGs), que também recebiam ajuda financeira ou de pessoas do Município. As casas / lares funcionavam como abrigo permanente para estas crianças. Apresentavam o objetivo de lares substitutos, com uma dinâmica bastante próxima a um contexto familiar, com atividades de reinserção social e de resgate da cidadania.

Encontraram ainda uma instituição de internação de caráter provisório para crianças e adolescentes que usavam psicotrópicos. A internação era realizada diante da aceitação da criança ou adolescente, e era efetuada, antes do encaminhamento para as casas / lares, uma desintoxicação orgânica para promover o abandono do uso de psicotrópicos. Câmara e equipe (2000) ressaltaram, neste estudo, que a cidade de Goiânia – GO - tem quatro Conselhos Tutelares.

Câmara et al. (2000) dizem que as políticas de atenção a crianças e adolescentes em situação de abandono social em Goiânia não visam a resolver os problemas, e sim, minimizá-los. Acreditam que, como fruto de uma luta social, as instituições / lares representam a única chance de resgate da cidadania das crianças e adolescentes, pois além de terem uma responsabilidade social de reflexão e compreensão do fenômeno, apresentam políticas eficazes, não apenas paliativas, para a diminuição ou erradicação da exclusão social da infância.

No estudo de Medeiros et al. (2001) identificamos os aspectos gerais sobre a sexualidade do menino e da menina em situação de rua. Para a realização desta pesquisa fizeram uso da entrevista semi-estruturada e da observação livre. A população de estudo constituiu-se de adolescentes, entre 13 e 16 anos de idade e de ambos os sexos, que permanecem nas ruas a maior parte do dia, na cidade de Goiânia. Embora os autores não apresentaram no estudo o número exato de crianças e adolescentes nas ruas, estimam que em Goiânia cerca de 80 crianças faz das ruas o espaço maior de suas vidas. Mais de uma centena estão nas ruas trabalhando ou vivendo de formas muito brutais.

Medeiros et al. (2001) escreveram que uma parte significativa de crianças e adolescentes procurou as ruas para escapar não só da situação de miséria e pobreza em que viviam suas famílias, mas também da violência doméstica de que eram vítimas. Nas ruas, no entanto, também não escaparam da violência urbana. Ali enfrentaram situações degradantes, como exploração no mercado informal de trabalho, grupos de extermínio de crianças, a prostituição de meninos e meninas, a contaminação pela AIDS / HIV e sua crescente disseminação e o uso de drogas como o "crack", maconha, cocaína, entre outras.

Segundo os autores da pesquisa, ser criança pobre no Brasil significa exposição a perigos constantes, pois as crianças e jovens estão sujeitos ao abandono da família e sociedade, sujeitas à prostituição, escravização nas minas de carvão, violência e abuso sexual. O caminho para o mundo das infrações, às vezes, é a única alternativa de sobrevivência⁶.

⁶ De acordo com o estudo realizado por Medeiros (2004), a miséria brasileira tem características regionalizadas, ou seja, há regiões piores e regiões melhores. Em termos numéricos, é considerada indigente, “a família que tem rendimento *per capita* igual ou inferior a um quarto do salário-mínimo” (DIMENSTEIN, 1999, *apud* MEDEIROS, 2004). Medeiros (2004) recorre ao seu estudo de 1999 para afirmar que a maioria das crianças e dos adolescentes vive em famílias cuja renda mensal *per capita* não ultrapassa meio salário-mínimo, e enfatiza que “uma das conseqüências mais graves da situação de miséria é a presença de centenas de milhares de crianças e adolescentes nas ruas das cidades em busca de opções de sustento próprio e de seus familiares” (MEDEIROS, 2004, p. 15).

Nesse sentido, como ressaltam os pesquisadores, os grupos de crianças e adolescentes que estão nas ruas, cujo vínculo com a família e a escola já não existem ou estão frágeis, não contam com o apoio necessário para um desenvolvimento saudável e, com isso, eles descobrem a sexualidade com colegas que estão nas ruas há mais tempo, como também são obrigados a partilhar de experiências sexuais de outros adolescentes ou adultos.

Os entrevistados de Medeiros et al. (2001), em sua maioria, estavam nas ruas havia pelo menos dois anos em caráter permanente. Dada esta condição, essas crianças e jovens praticamente não possuíam vínculo com suas famílias e não freqüentavam mais a escola, fatos que os caracterizam, segundo Medeiros (1999), como "meninos e meninas de rua". Em geral, todos eram alfabetizados, pois, quando mais novos, estudaram em uma escola da rede pública.

Apenas um deles nunca havia freqüentado a escola e não sabia ler ou escrever. Quanto à idade de cada um, Medeiros et al. (2001) não obtiveram dados precisos, uma vez que os jovens não tinham documentos e a aparência física não refletia com exatidão a idade cronológica. Segundo informações dos próprios jovens, a maioria se encontra em torno dos 13 a 16 anos.

Para os meninos e meninas do estudo de Medeiros et al. (2001) que estão nas ruas, este espaço é o palco principal onde são estabelecidas as relações sociais entre eles próprios e, também, com a sociedade, a família, a polícia e instituições específicas de atendimento à criança e ao adolescente. Nesse sentido, é do ambiente da rua que estes tiram seu sustento e, em determinadas situações, também tiram o sustento do grupo familiar.

Medeiros et al. (2001) ressaltam que a família desenvolve a cultura na criança; é na família que os homens e mulheres nascem, vivem, reproduzem-se e morrem, dando continuidade às gerações. Nela surgem, também, as bases das atividades sexuais, que são mais culturais do que inatas. Na família se forma a estrutura psicológica do indivíduo; é no

espaço familiar que fervilham as contradições e os jogos do amor e do ódio, da proteção e da violência, as disputas e os "choques de gerações". Por isso ressaltam os autores que os pais, ao falarem de sexo com seus filhos, primeiro precisam defrontar-se com sua própria sexualidade, e esta situação muitas vezes pode gerar angústia. A sexualidade dos filhos traz à tona, para muitos pais, aspectos reprimidos da própria sexualidade (MEDEIROS et al., 2001).

A sexualidade é, para esses jovens, uma dimensão importante. Eles falam do sexo como algo bom na vida de rua e, neste espaço, mantêm suas relações sexuais na medida do possível. Para os atos sexuais, eles optam, em geral, por lugares reservados, como lotes vagos (MEDEIROS et al., 2001).

No espaço da rua, para a realização do prazer ou para a sobrevivência própria dos meninos e das meninas, podem ser identificadas práticas que, de uma forma ou de outra, transgridem as normas socialmente estabelecidas. Entre esses comportamentos ressaltam-se a homossexualidade ou atividades que envolvem a troca de algum bem material por algum tipo de "favor sexual". Alguns meninos e meninas entrevistados por Medeiros et al. (2001) disseram tirar algum tipo de proveito material das relações sexuais com outras pessoas que não são membros do grupo. Isso ocorre principalmente com os meninos que recebem mais gratificações, geralmente provenientes de adultos homens ou mulheres. Recebem dinheiro ou algum tipo de droga.

O sexo, em geral, ocorre entre esses adolescentes sem o uso de preservativo e de métodos contraceptivos. Medeiros et al. (2001) apontam para a necessidade do desenvolvimento de um trabalho de educação em saúde para os meninos e meninas que vivem na rua, abordando a temática da sexualidade, com ênfase nos riscos dos agravos à sexualidade e da prática do sexo de um modo irresponsável e sem proteção.

Em outro estudo, este publicado em 2002, Medeiros investigou os aspectos gerais do modo de vida no contexto institucional, familiar e de saúde da criança e do adolescente com experiência de vida nas ruas. O autor enfatizou que “a violência manifesta-se com toda a sua perversidade junto a uma parcela de nossa sociedade excluída de seus direitos, de sua cidadania, de sua dignidade enquanto ser humano – as crianças e os jovens” (MEDEIROS, 2002, p. 1).

Para ele, as representações sobre a rua para os meninos e meninas se constroem com elementos bastante contraditórios, pois embora sejam elaborados basicamente os aspectos negativos - como a humilhação, a falta de casa, comida e carinho - há os aspectos ligados à liberdade encontrada nas ruas e à diversão proporcionada. Em contrapartida, a violência inerente ao mundo da rua é algo marcante na vida destes jovens, e muitas vezes se inicia em casa, com agressões físicas, morais e sexuais. A rua surge, então, como a única opção para fugir da violência vivenciada em casa.

Medeiros (2002) realizou um levantamento junto a instituições governamentais e não governamentais de Goiânia que prestam assistência a crianças e jovens em situação de rua e analisou as propostas de atuação dessas instituições. Os resultados mostram que, de modo geral, as instituições percebem o abandono social na infância como resultados de uma desestruturação político-social do país. Acreditam que o cumprimento real do Estatuto da Criança e do Adolescente será possível quando se tiver a garantia dos direitos sociais estipulados em nossa constituição. Observou, também, que o preconceito é significativo por parte dos profissionais de saúde no atendimento às crianças que vivem nas ruas, as quais passam a ser denominadas, pejorativamente, como “trombadinhas”.

Estes jovens, segundo Medeiros (2002), carregam consigo o estigma e o preconceito de um imaginário social que os rotula sem nenhuma preocupação com a criança e o jovem vítima desse processo.

No texto *O Significado de Casa e Rua Para Meninos com experiência de Vida Nas Ruas: em Busca de uma Compreensão sobre as Implicações para a Saúde*, Medeiros et al. (2002) analisaram as representações sociais acerca de casa e rua para meninos e meninas com experiência de vida nas ruas que se encontram sob a guarda de uma instituição. Os resultados obtidos foram discutidos e analisados por meio de categorias sociológicas: casa e rua. Foi possível inferir, a partir dos resultados, que os educadores da instituição estudada representavam as famílias dos jovens, pois mesmo quando estavam nas ruas mantiveram vínculo com esses educadores. O vínculo familiar entre os jovens e suas famílias encontrava-se bastante enfraquecido e, às vezes, até rompido ou inexistente. As relações entre os jovens do estudo de Medeiros et al. (2002) apontaram laços de amizade e solidariedade entre eles. Esta solidariedade surgia pela vivência de problemas concretos e comuns. Alguns desentendimentos ocorriam entre eles, mas somente quando a necessidade pessoal se sobrepunha à do grupo.

O abrigo onde estavam os jovens estudados por Medeiros et al. (2002) e os profissionais que lá trabalham assumiram o papel de casa e de família do grupo de jovens. É certo que o relacionamento entre eles não era muito fortalecido, no entanto, havia respeito e integração entre os profissionais e os jovens, tornando-os próximos.

As representações sobre a rua se constroem, segundo Medeiros et al. (2002), por meio de elementos bastante contraditórios, pois existiam os aspectos ligados à humilhação, à falta de casa, comida e carinho, mas, em contrapartida, havia a liberdade e a diversão. Em geral a liberdade, segundo Medeiros et al. (2002), ganha muito espaço entre os jovens. A ausência de normas é, para este grupo, um atrativo na vida de rua.

A rua é vista também como espaço de privação, pois ali não encontram lugar, por exemplo, se aquecer nos dias frios. A ausência de amigos, de roupas limpas, de comida e de dinheiro também constitui um ponto destacado pelos jovens do estudo, apesar da

solidariedade existente entre eles. A humilhação é, para os jovens, umas das faces que constroem suas representações da rua. Este sentimento se manifesta nas situações em que precisam pedir comida e dinheiro a outras pessoas.

Em *Representações Sociais de DST / AIDS para Adolescentes de uma Instituição Abrigo com Experiência Pregressa de Vida nas Ruas da Cidade de Goiânia*, Borges e Medeiros (2004) centraram-se nas questões ligadas à vulnerabilidade e à exposição dos jovens as DSTs / AIDS. Para os autores, o convívio grupal facilita o despertar precoce da sexualidade genital, que prontamente entra em prática, marcada por promiscuidade, violência e abusos. As conseqüências destas práticas se revelam pelos altos índices de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, visto ser um grupo exposto à promiscuidade nas relações sexuais sem a devida proteção (BORGES; MEDEIROS, 2004).

Para Borges e Medeiros (2004), os adolescentes apresentam características, necessidades e problemas específicos que os diferenciam da criança e do adulto. Nessa etapa, e educação sexual deve ser antecipada com o objetivo de preparar os jovens para as mudanças físicas e emocionais. O trabalho com o adolescente implica a conjunção de vários fatores que explicam o desenvolvimento sexual - como saúde reprodutiva, relacionamento interpessoal, afetividade, reprodução, imagem corporal e relações de gênero.

O estudo de Borges e Medeiros (2004) demonstrou que a idéia de contágio das DSTs é bem clara para os adolescentes. As DSTs, para os jovens, não representam ameaça, pois com exceção da AIDS, as demais têm cura. A aids é percebida por eles como doença mortal, incurável, de sofrimento, que aparece de repente com sinais visíveis como o emagrecimento. A forma de prevenção destacada foi o uso de preservativo; no entanto, o seu uso foi mencionado em situações em que não se conhecia o parceiro.

Borges e Medeiros (2004) enfatizam que a maioria dos adolescentes não conseguiram acompanhar as etapas de seu desenvolvimento por desconhecerem seu próprio corpo e

possuírem pouca informação a respeito. Desde a mais tenra idade os meninos e meninas conheceram e utilizaram o sexo como parte de seu cotidiano. Restritos a grupos agrupam-se para se vestir, fazer higiene e dormir a fim de promover uma sensação de segurança.

No grupo estudado, com exceção da aids, os jovens desconhecem as outras DSTs. Apesar de conhecerem meios de prevenção de DSTs, utilizam pouco esses meios. A prevenção torna-se, então, o maior desafio junto a este grupo.

Como vimos, os estudos do Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde (1993), Assis (1994), Fonseca (1995; 2000) e Medeiros (2000; 2001; 2002; 2004) apresentam o contexto da exclusão econômica e social das crianças, jovens e suas famílias e mostram como nesse “*apartheid*” a violência atinge a todos, crianças e adolescentes.

A sexualidade, nessa trama, emerge como fonte do exercício e identidade dos jovens, mas é também utilizada contra a vida deles. Como os estudos de Medeiros apontam, os jovens iniciam a prática sexual com idades muito baixas e eles desconhecem os limites de seus corpos. Conhecem e utilizam-se do sexo alheios ao mundo e, muitas vezes, apresentam dificuldades em lidar com as transformações ocorridas em seu corpo.

As crianças e jovens conhecem-se e reúnem-se em grupos para se proteger; nesse mundo à parte emerge a sexualidade como fonte de prazer, e todas as relações são geradas tanto para a sobrevivência quanto para a degradação, pois são todos vítimas da violência que atinge os excluídos.

3 A VIOLÊNCIA NA TRAJETÓRIA DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO ABRIGO PROVISÓRIO MUNICIPAL: QUESTÕES METODOLÓGICAS.

Quando a mão, arrogante, insiste em apoderar-se do outro, deixa de ser seda para tornar-se garra, fracassando o encontro e abrindo-se para a incorporação (do outro). A singularidade é devorada. A possibilidade de diálogo desaparece. A ternura é substituída pela violência (RESTREPO, 1993).

3.1 PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS

Como pesquisadoras, delineamos para a investigação o enfoque tratado por Ludke e André (1986) para o estudo de caso, que apresenta como característica principal o estudo de um determinado contexto, que pode ser um caso, uma sala de aula, um hospital ou uma ala deste. O que é importante para a pesquisa é a descoberta de novos elementos que emergem durante o estudo. Para o percurso metodológico no estudo de caso é necessária a ênfase na “interpretação em contexto”, ou seja, devemos levar em consideração o contexto em que o problema de pesquisa se situa. As autoras indicam que, para o estudo de caso, devemos retratar a realidade estudada de forma completa e profunda para captarmos a multiplicidade de dimensões presentes em uma situação e, para isso, podemos usar uma variedade de fontes de informação.

O pesquisador pode recorrer a várias fontes de informação, podendo confirmar ou rejeitar hipóteses, descobrir novos dados e até levantar hipóteses alternativas. O estudo de caso revela a experiência de uma realidade que não é a do pesquisador e permite generalizações naturalísticas; o pesquisador deve relatar suas experiências para que o leitor possa interpretar o que lê de acordo com suas experiências pessoais. O pesquisador deve procurar representar os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista de uma dada situação social. Ele deve revelar seu ponto de vista quando ocorrem situações de divergência

sobre determinada questão; e especial ênfase deve ser dada à linguagem que o pesquisador usa: ela deve ser acessível e a ela podem ser acrescentados desenhos, figuras e *slides*.

Nesse sentido, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, de acordo com os postulados de Ludke e André (1986): 1) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; 2) a preocupação com o processo é muito maior do que com o resultado; 4) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador; 5) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Ludke e André (1986) caracterizam o desenvolvimento do estudo de caso em três fases. A primeira é a fase exploratória, em que o estudo se delimita mais claramente. Nessa etapa, alguns pontos críticos que emergem podem ser reformulados à medida que se mostrem relevantes à situação estudada. Nessa etapa devem ser identificados os elementos-chaves do problema a fim de atingir os propósitos do estudo de caso e para chegar a uma compreensão completa da situação. A terceira fase é da análise e interpretação dos dados.

Quanto ao método de coleta de informações no abrigo, utilizamos a observação associada à entrevista. Juntas, a observação e a entrevista representaram os instrumentos básicos para a coleta de dados. A estratégia utilizada foi a de observador participante. Nessa fase de coleta de dados utilizamos um diário de campo, à semelhança de pesquisas antropológicas, para anotações das datas, horários do pesquisador no abrigo, dos hábitos dos adolescentes, das regras do abrigo, tipos de jogos e modo de relacionamento entre os adolescentes e os educadores do abrigo.

Fixamos em dois meses o tempo de permanência no abrigo (abril e maio de 2005), tempo que julgamos necessário para firmar relacionamento com funcionários e adolescentes da instituição. Estipulamos três visitas por semana ao abrigo, para que pudéssemos presenciar

as atividades no início, meio e fim de semana. Fizemos, também, visitas esporádicas em dias em que não nos esperavam.

Durante nossa permanência no abrigo, passaram pela instituição 26 adolescentes e quatro crianças, com tempo mínimo de permanência de 11 dias. É preciso, no entanto, assinalar que três crianças e 13 adolescentes passaram pela instituição com encaminhamento imediato aos familiares ou Conselhos Tutelares, ou então fugiram do abrigo e não retornaram. No início da observação e das entrevistas com os jovens do abrigo, encontravam-se na casa oito adolescentes e uma criança dentre os 30 educandos que tiveram passagem pela instituição. O grupo pesquisado constituiu-se de seis adolescentes, por terem sido os que permaneceram na casa durante o tempo que consideramos propício para a coleta de dados e por terem aceitado participar da pesquisa.

O grupo estudado constituiu-se de adolescentes sob a guarda do Abrigo Provisório Municipal de Maringá, Paraná. A amostra definida, depois de realizada a coleta das informações, constituiu-se de seis adolescentes - quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino.

Ao iniciar a pesquisa no abrigo, atentamo-nos para a observação da rotina da instituição e o aprofundamento de relações com os jovens que lá estavam. Durante esta fase, pesquisamos a história familiar e de vida de cada um dos internos via documentação e registros da instituição em um diário de campo adotado. Esta etapa teve duração de três semanas, ou seja, nove encontros. Mantivemos a prática do diário durante toda a pesquisa e após três semanas sentimo-nos à vontade para iniciar conversas a respeito de sexualidade com alguns dos jovens.

Depois de realizada essa primeira etapa, já com uma relação de mais confiança com os adolescentes, solicitamos-lhes uma conversa individualizada. Uma adolescente se recusou, mostrando agressividade. Esclarecemos aqueles que participaram do estudo quanto ao sigilo

das informações relatadas. Seis concordaram e, então, trabalhamos durante dois meses na obtenção de informações por meio de entrevista. A entrevista não foi estruturada e as perguntas básicas eram: 1) Você pode me contar sua primeira experiência sexual? 2) Houve consentimento das duas partes? 3) Onde aconteceu? 4) Usaram preservativos? 5) O parceiro era namorado ou um “ficante”? Estas perguntas iniciais levavam-nos à conversa com eles.

O Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, conforme resolução 196/96 do Ministério da Saúde aprovou o projeto em 25/02/2005 (anexo 2).

4 A EXPERIÊNCIA COM OS ADOLESCENTES DO ABRIGO: RESULTADOS DO ESTUDO.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO, ATIVIDADES REALIZADAS E ENCAMINHAMENTOS.

A pesquisa foi realizada na cidade de Maringá - PR, município localizado no Noroeste do Estado do Paraná, fundado em 1951 com projeção para 200.000 habitantes; no entanto aos 49 anos de existência, a cidade ultrapassou esta estimativa. Com um excedente de população, houve o surgimento das favelas, que em 1975 e 1976 foram fechadas por ordem da Prefeitura Municipal, com destruição de barracos e transferência de toda a população residente para bairros da periferia ou ainda para outras localidades (CANIATO apud FERREIRA, 2001, p. 86). Maringá, portanto, não possui favelas.

Atualmente, 50% da população encontram-se com idade inferior a 24 anos, sendo que 69.176 encontram-se com idade de até 18 anos. Segundo Ferreira (2001, p. 87), 2754 dessas crianças e adolescentes sofrem algum tipo de exploração, seja no campo seja no trabalho, esmolando ou prostituindo-se.

O Abrigo Provisório de Maringá existe desde outubro de 1986, e funciona como uma sociedade civil de caráter assistencial, sem discriminação de raça, nacionalidade ou religião, com a finalidade de proteção e educação da criança, sem fins lucrativos.

O Abrigo Municipal é um local de área de aproximadamente 400 metros quadrados, com 10 cômodos, sendo cinco quartos (dois femininos e três masculinos), uma sala, uma cozinha, dois banheiros e a direção. Altos muros, de quatro metros de altura, circundam o abrigo. Além dos 10 cômodos, há uma ampla área utilizada para recreação. Conforme fotos do local:



Foto 1 – Fachada do Abrigo Provisório Municipal



Foto 2 - Área de recreação do Abrigo Provisório Municipal

Os hábitos de higiene dos adolescentes são precários, apesar de todo o esforço empreendido pelos funcionários. As paredes são sujas, os vidros das janelas quase inexitem, pois durante as brigas é comum à quebra dos vidros, dos móveis. Estes estão em péssimas

condições, apesar do pouco tempo de uso (foram comprados em 2004), os colchões são apenas espumas sujas, o abrigo não utiliza lençóis nas camas, por precaução. A capacidade máxima é de 18 jovens e crianças. As crianças e os adolescentes do abrigo são chamados de educandos, nome derivado da profissão dos funcionários, que são educadores de base.

Como atividades de lazer e recreação, o abrigo proporciona aos adolescentes passeios, jogos e tardes na piscina do centro esportivo do bairro local. No entanto, são beneficiados apenas os jovens que se comportam segundo as regras do abrigo. O comportamento esperado pelo abrigo é a não-evasão e não provocar brigas. Como não há programas educacionais para estes adolescentes, o que se espera deles é o mínimo possível para a instituição: não fugir e não brigar.

O encaminhamento de crianças e adolescentes ao abrigo é feito por meio da Promotoria da Vara da Criança e Juventude, do Conselho Tutelar, da Polícia Militar e Civil, e em alguns casos, até pela própria família ou por outras pessoas. Neste último caso, encontramos no abrigo uma situação peculiar: há iniciativas individuais como a de um senhor que abriga, em sua própria casa, adolescentes em situação de risco e, às vezes leva alguns deles para o abrigo, por falta de lugar em sua residência.

Há uma rotina para atender o adolescente que chega, pela primeira vez, ao abrigo. Faz-se primeiramente uma entrevista e investigação sobre a família do interno. São checadas todas as informações dadas pelos adolescentes até que seja feito o encaminhamento para a família ou para alguém próximo. No caso de o adolescente ser de outro município, o abrigo entra em contato com o Conselho Tutelar da cidade do jovem para que este conselho tome as providências necessárias.

Em maio de 2005, quando estávamos iniciando nossas observações no Abrigo Municipal, chegou uma adolescente com cerca de 13 anos de idade. Informou aos educadores

que era de Paiçandu - PR, mas, na verdade, ela era de Marialva, PR. As informações dadas pela adolescente indicavam o desejo de não reencontrar a família.

Muitos adolescentes saem do abrigo e acabam para lá retornando, mas não são indagados do porquê de seu retorno. Não há, nesses casos, novas entrevistas com eles, pois segundo os funcionários, “são sempre os mesmos”.

Todas as crianças e adolescentes que permanecem no abrigo e são encaminhadas para instituições permanentes passam por exames médicos e odontológicos, via posto de saúde local, que, para estes jovens, oferece atendimento preferencial. Há um posto de saúde próximo ao abrigo.

Quanto à escolarização, os adolescentes são encaminhados para as escolas mais próximas, mas no período em que a pesquisadora lá esteve, nenhum adolescente a frequentou. Soubemos nas entrevistas que os adolescentes vendem os passes de ônibus que obtêm para ir à escola ou os trocam por cigarro e droga. Como não ficam por muito tempo no abrigo, os adolescentes não constroem vínculos com a escola. Água Marinha, Quartzo e Esmeralda já passaram, três outras vezes pelo abrigo. Rubi segundo os registros, já esteve na instituição, duas outras vezes; Diamante e Topázio já estiveram outras vezes no abrigo, no entanto, não se há registro do número de vezes.

Para permanência no Abrigo Municipal algumas regras precisam ser seguidas: os educadores comandam os horários das refeições; a maioria dos jovens escolhe os programas de televisão que irão assistir; os cigarros que lá chegam são de todos e há horário para fumar.

4.2 CONHECENDO OS JOVENS EM ESTUDO.

4.2.1 PRIMEIRAS IMPRESSÕES.

Dos seis jovens abaixo apresentados, nenhum tem vínculo com sua família nem frequenta a escola. São todos alfabetizados, pois quando mais novos estudaram em uma escola da rede pública; porém a leitura e escrita são bastante precárias. Água Marinha, Quartzó e Topázio, estudaram até a 5ª série do ensino fundamental. Diamante, estudou apenas até a 3ª série do ensino fundamental, sendo Rubi e Esmeralda, as jovens que possuem maior escolaridade, 6ª série do ensino fundamental.

Dos adolescentes entrevistados, um tem família, mas prefere morar na rua; quatro outros também têm família, mas estas não os aceitam, alegando comportamento difícil e uso de drogas; e um tem família, porém sempre viveu em instituições. Todos se encontravam em situação de miséria absoluta, não tinham emprego, moravam nas ruas, foram presos, sofreram abusos e violência sexual e todos já foram ou são usuários de drogas.

Tanto os meninos quanto as meninas abordam a questão da sexualidade de modo tranquilo e confortável, ou seja, sexualidade / sexo parece ser um tema sem tabu. As falas obtidas dos seis jovens permitiram-nos identificar que, para os meninos e as meninas, a sexualidade está diretamente relacionada e reduzida ao ato sexual, isto é, muitas vezes sem ligação afetiva com o parceiro. Isto nos sugeriu que, para eles, a questão da sexualidade tem um universo próprio na rua.

Dos seis adolescentes, nenhum passou pela experiência do estupro, no entanto, foram todos vítimas de algum tipo de sedução que as fez concordar com o ato sexual. Assim, dos seis adolescentes, um iniciou a prática sexual com 11 anos, quatro com 13 anos e um menino com oito anos; não estavam cientes, portanto, dos riscos de saúde que corriam. A seguir, apresentamos os seis jovens do estudo.

Rubi, 14 anos. Característica: vivacidade

Rubi (menina 1) – sexo feminino, 14 anos. Histórico: o pai é falecido, a mãe a abandonou quando tinha seis meses. O irmão adotou-a. Residiu com o irmão em Maringá até

os 13 anos de idade; saiu de casa porque foi repreendida por ter chegado tarde em casa. Sem lugar para morar, foi para a rua. Permaneceu uma semana na rua na companhia de amigos que já viviam em becos, depois foi para a residência de uma amiga, onde ficou um mês. Durante este tempo, Rubi conheceu um rapaz e foi morar com ele. O rapaz era usuário de drogas e costumava gritar com ela. Moraram quatro meses juntos e ele foi preso por tráfico de entorpecentes. Após a prisão de seu companheiro, voltou para a rua, foi pega pelo Conselho Tutelar e levada ao abrigo. É usuária de maconha desde os 11 anos. Perdeu um bebê há pouco tempo por ter usado droga injetável e só procurou atendimento médico dois dias após o incidente, por medo da Polícia e do Conselho Tutelar.

Na entrevista apresentamos os objetivos do trabalho para que ela não tivesse dúvida de nosso propósito. Após nossa apresentação a adolescente contou-nos brevemente sua história. Não demonstrou constrangimento, disse que gostava de “falar dessas coisas”. Em alguns momentos emocionava-se com um olhar triste, segundo ela, arrependido. Os olhos se enchiam de lágrimas ao falar da família que abandonou e das oportunidades que perdeu devido ao uso de drogas.

Iniciou sua prática sexual aos 11 anos, sem nenhum método contraceptivo e preservativo. Diz ter tido “apenas” quatro parceiros, tendo se “casado” com um deles.

Rubi, quando questionada sobre seus sentimentos ao se lembrar das experiências passadas, responde com firmeza e emoção: “Eu me arrependo das coisas que fiz, não por mim, mais por ter dado tanto desgosto ao meu irmão”.

Rubi é uma jovem morena, de cerca de 1,60 m, e para os padrões estéticos atuais é uma gordinha. É vaidosa, atenciosa e quem mais cuida das crianças do abrigo. Não provoca brigas e não se desentende com os demais. Em sua fala, mostra-se arrependida de ter saído de casa e de ter feito uso de drogas. Das jovens que passaram pelo abrigo durante nossa estada, Rubi foi, sem dúvida, a que menos problema causou à casa.

Rubi foi adotada por uma família de classe média alta de Maringá no mês de abril de 2005. A princípio, foi morar com essa família para cuidar de duas crianças; após algumas semanas, a família comunicou ao abrigo a adoção da adolescente.

Água-marinha, 15 anos. Característica: sensibilidade

Água-Marinha (menina 2) – sexo feminino, 15 anos. Histórico: seu pai reside em São Paulo, SP. A mãe tem distúrbios psiquiátricos. Vive da casa ao hospital e, durante nossa entrevista, estava em casa. Tem quatro filhas, mas não tem condição de criá-las, segundo a Promotoria. As quatro meninas moram no Lar Talita, instituição religiosa adventista que abriga meninas. Água-Marinha teve muitos desentendimentos com a diretora do Lar Talita. Como colocou fogo em alguns objetos do local, ela teve que sair de lá e foi levada ao Promotor da Vara da Criança e Juventude, que a encaminhou ao abrigo. Tem familiares em Maringá, mas todos com problemas de saúde. Já permaneceu na rua em companhia de amigos.

Na entrevista, após apresentação de nossos objetivos de trabalho, a adolescente contou-nos parte de sua história. Falou abertamente sobre suas experiências sexuais. Iniciou a prática sexual aos 13 anos, sem uso de nenhum método contraceptivo e preservativo, porque confiava no parceiro. Disse ter tido dois parceiros e que gostava dos dois. Seu primeiro parceiro foi um primo que a “agarrou” no quarto, e ela, como dizia gostar dele, “deixou a coisa rolar”.

Água-marinha é uma jovem morena e bonita. Tem fala suave e um olhar meigo. Vaidosa, está sempre de unhas grandes e bem limpas. Quase não se envolve em brincadeiras e jogos, passa o dia assistindo televisão. Um de seus parceiros é muito conhecido do abrigo. Ele passou pela instituição várias vezes e, em uma dessas passagens, Água-marinha se envolveu com o rapaz. Disse-nos que transaram em um dos quartos do abrigo. Durante a

nossa pesquisa, no mês de abril de 2005, Água-marinha foi encaminhada para junto da mãe, que agora vive na casa de uma cunhada em Maringá.

Quartzo, 14 anos. Característica: transparência

Quartzo (menina 3) – sexo feminino, 14 anos. Histórico: pai falecido, mãe presa em Maringá por tráfico de entorpecentes. Dividia seu tempo entre a rua e a casa da avó, que pouco a suportava, devido ao comportamento difícil. Foi para a rua após desentendimento com a avó; o Conselho Tutelar fez sua abordagem na rua e a encaminhou ao Lar Talita. Após desentendimentos com a diretora do lar, foi encaminhada ao abrigo. É usuária de drogas.

Na entrevista ela falou sem restrições sobre sua experiência sexual. Iniciou a prática sexual com 13 anos, sem uso de preservativo ou outro método contraceptivo. Disse ter apenas um parceiro, o atual namorado. Contou que gosta dele e nunca teve relação sexual contra sua vontade.

Quartzo tem comportamento difícil no abrigo; briga com todos, desde os funcionários até os colegas. É, dentre as jovens da casa, sem dúvida, a mais bonita, e utiliza sua beleza para conseguir o que quer. Um exemplo ocorreu quando havia apenas um cigarro e este era de um menino, já que todos os demais já haviam fumado. Quartzo pediu-lhe o cigarro com “jeitinho” e conseguiu a metade.

Sua mãe cumpriu pena por tráfico e quando saiu da prisão a filha Quartzo saiu do abrigo para ficar junto dela. Segundo informações dos funcionários do abrigo, a mãe de Quartzo ainda é usuária de drogas e se prostitui. A exemplo da mãe, segundo alguns dos adolescentes, Quartzo está fazendo programa com rapazes em uma das praças da cidade. Foi presa prostituindo-se em companhia de duas amigas, no entanto foi levada à Promotoria para resolução do problema, enquanto suas amigas permaneceram presas, já que são maiores⁷.

⁷ Ver Estatuto da Criança e do Adolescente (E. C. A).

Este fato aconteceu em junho de 2005, quando retornamos ao abrigo para saber notícias de nossa amostra.

Esmeralda, 15 anos. Característica: Resistência

Esmeralda (menina 4) – sexo feminino, 15 anos. Histórico: não conhece o pai, residia com a mãe no bairro Santa Felicidade, da periferia, conhecido na cidade pelos índices de criminalidade. Após briga com mãe, decidiu ir para a rua em companhia de amigos. À época já fazia uso de drogas. Em abordagem do Conselho Tutelar, foi para o abrigo. Sua primeira passagem pelo local se deu em 1999.

Na entrevista disse que iniciou a vida sexual aos 13 anos, com um garoto também de rua que gostava dela. Disse ter sido enganada por ele, que lhe prometeu namoro sério. Depois dele, não se lembra da quantidade de parceiros, “acho que uns 20”. Na maioria das vezes, disse que não faz uso de preservativo, porque “eles num gosta, aí a gente num usa”.

Esmeralda é alegre e brincalhona. Falante e de muitos amigos, é a jovem mais popular do abrigo. Ao falar de sua história não se mostra abalada ou triste, diz-se acostumada com a vida na rua. Após a conversa encaminhei Esmeralda para o ginecologista da unidade de saúde local, pois ela nos disse que tinha grande quantidade de secreção vaginal com odor fétido e feridas vaginais. Atentamos para uma possível doença sexualmente transmissível (DST) como *Trichomonas vaginalis*. O exame médico confirmou nossas suspeitas. Iniciou tratamento imediato, mas fugiu da casa em companhia de amigos e, segundo informações do abrigo, permaneceu cinco dias na rua e está grávida. Diante do quadro em que se encontra Esmeralda, a Promotoria decidiu encaminhá-la à Casa de Nazaré, uma casa de recuperação de drogadição em Maringá, Paraná.

Diamante, 15 anos. Característica: pouca tenacidade.

Diamante (menino 1) – sexo masculino, 15 anos. Histórico: os pais são separados. A mãe reside no bairro Santa Felicidade e o pai está desaparecido. É usuário de craque desde os

oito anos de idade e devido ao uso de drogas foi para a rua. Já roubou à mão armada e, segundo ele, está ameaçado de morte por traficantes e até pela Polícia Militar (P. M).

Na entrevista disse-nos que aos 11 anos de idade iniciou sua vida sexual com uma menina também de rua. Segundo ele foi “tarde demais, meu amigo tudo foi mais novo”. Disse fazer uso de preservativo em todas as relações. Disse que faz sexo com homens e contou-nos seu encontro com um caminhoneiro. Pegou carona com o caminheiro e este quis cobrar a viagem. Aí pagou a viagem com sexo.

Diamante é muito brincalhão. Foi o jovem com quem mais nos relacionamos desde o primeiro dia no abrigo. É hiperativo, brinca com jogos e observa tudo a sua volta com muita facilidade. Junto com alguns amigos se transforma num adolescente-problema. Suas falas são gritos constantes, o que consideramos uma forma de demonstrar sua masculinidade e força. Longe dos amigos é um jovem simpático. Durante o tempo de nossa pesquisa, Diamante foi encaminhado a uma instituição de recuperação localizada em Jacarezinho, Paraná, para jovens usuários de drogas. Lá, junto com alguns jovens, Diamante provocou uma rebelião na instituição e retornou ao abrigo em Maringá. O abrigo, sem saber o que fazer, passou o caso à Promotoria.

Topázio, 16 anos. Característica: cristalizado

Topázio (menino 2), do sexo masculino, tem 16 anos. Histórico: o pai está desaparecido, a mãe é traficante. Residiu até os nove anos de idade com a mãe na cidade de Sarandi, Paraná. Abordado pelo Conselho Tutelar em Maringá, foi levado ao abrigo.

Na entrevista disse que se iniciou sexualmente aos oito anos, com uma garota do bairro onde residia. Falou pouco, disse que usa preservativo em todas as suas relações e já perdeu a conta das parceiras que teve.

É um jovem sedutor, faz sucesso entre as meninas. Junto com Diamante, tumultua a casa e deixa todos os outros jovens irritados. Tem o hábito de fazer o que os outros detestam

para arrumar briga. Tem orgulho de ter mãe traficante, pois “ela ganha numa semana o que vocês ganham num mês”.

Foi encaminhado a uma instituição em Rolândia, Paraná, para tratamento de drogadição, mais provocou uma rebelião e foi expulso de lá, retornando então ao abrigo.

Nesta nossa visita ao abrigo em junho de 2005, obtivemos essas informações: Topázio e Diamante voltaram ao abrigo, Esmeralda seria encaminhada para a Casa de Nazaré, instituição para tratamento de drogadição, localizada no bairro Champagnat de Maringá. Quartzos e Água Marinha estão com suas mães. A única com situação mais estável é Rubi, que está junto com a família adotiva e, segundo os educadores do Abrigo Municipal, adaptou-se à nova família.

5 VOZES DOS JOVENS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.

Estes são, pois os tempos em que nasceste, páctula, morte e destruição são os jogos de sua infância. Conhecerás lágrimas antes que o riso, a tristeza antes que a alegria. Apenas chegada ao mundo terá que sair dele (LYMAN, 1982).

Neste capítulo apresentaremos as falas dos seis jovens do Abrigo Provisório Municipal de Maringá / PR, dividiremos nossa exposição em duas partes: 1) análise do contexto social dos seis jovens pelos estudos de Fonseca (1995; 2000) e 2) o papel do sexo na vida dos jovens entrevistados pelos estudos de Medeiros et al. (2001).

5.1 OS ESTUDOS DE FONSECA (1995; 2000): CONTEXTO SOCIAL PARA CONHECERMOS OS SEIS JOVENS DO ABRIGO MUNICIPAL DE MARINGÁ.

Para iniciar este capítulo trazemos os aspectos pontuados por Fonseca (1995; 2000) para descrever a vida dos seis jovens entrevistados do Abrigo Provisório Municipal de Maringá.

Entendemos que os estudos das comunidades das favelas do Cachorro Sentado e São João, de Fonseca (1995; 2000), que nos apresentam a vida econômica e cultural das famílias, mostram o mesmo lugar social dos seis jovens - Rubi, Água-Marinha, Quartzo, Esmeralda, Diamante e Topázio.

Os seis adolescentes que conhecemos vivem e constroem seus hábitos, crenças e valores de modo bem diferente dos jovens de classe média. Os seis jovens que entrevistamos, como apontamos anteriormente, são oriundos de famílias excluídas do trabalho, da saúde e da educação. Como vimos, os pais e as mães de Rubi, Água-Marinha, Quartzo, Esmeralda, Diamante e de Topázio não dispuseram de nenhum meio econômico e social para a manutenção de suas famílias e de si mesmos.

Rubi, jovem de 14 anos, como já dissemos, foi abandonada pela mãe aos seis meses e seu pai já faleceu. Adotada pelo irmão, permaneceu com ele até os 13 anos de idade, em um bairro da periferia da cidade, onde tinha amizades com jovens que viviam nas ruas. As brigas e os limites impostos pelo irmão fizeram com que Rubi optasse pela vida de liberdade oferecida pela rua. Sua história familiar não é muito diferente da de Água-Marinha. Seu pai reside em São Paulo e sua mãe é portadora de distúrbios psiquiátricos, por isso está sem condições de criar as filhas, que vivem espalhadas pelas instituições / lares / abrigo em Maringá. Quartzo tem o pai falecido e a mãe está presa, em Maringá, por tráfico de entorpecentes. Quartzo dividia seu tempo entre a rua e a casa da avó, que pouco a suportava, devido ao seu comportamento difícil. Quartzo é usuária de drogas. Esmeralda também não conheceu seu pai. Residiu com a mãe em um bairro da periferia de Maringá, conhecido pelos índices de criminalidade. Após uma briga com mãe, esmeralda decidiu ir para a rua em companhia de amigos. À época já fazia uso de drogas. Diamante tem os pais separados; a mãe reside na periferia e o pai está desaparecido. É usuário de craque desde os oito anos de idade e, devido ao uso de drogas, foi para a rua. Topázio também tem o pai desaparecido e a mãe é traficante.

No caso desses seis jovens de nosso estudo, a desestruturação familiar é visível. Alguns deles nem sequer conheceram ou foram criados pelos pais. Sofrem desde a infância o abandono e o descaso. Desde pequenos, visualizaram o uso e tráfico de drogas pelos adultos da família e incorporaram estes vícios à própria vida. Vivenciaram a desagregação de suas famílias e tiveram que “aprender a se virar”.

Uma vez que tenham suas famílias desagregadas, estes jovens passam a viver nas ruas e fazem-nas sua casa. Na rua, são vítimas de gangues, sofrem violências físicas e sexuais, são rotulados como “trombadinhas” e sem-vergonha, além de sofrerem constantes humilhações por parte da polícia.

Agrupam-se, também, como os jovens do estudo de Borges e Medeiros (2004), para dormir e realizar outras atividades, para gerar a sensação de segurança. Quando são abordados pelos conselhos tutelares e / ou promotoria e outros órgãos responsáveis pelos direitos da criança e do jovem, são levados para instituições de cunho assistencial. No entanto, muitas vezes eles depredam essas instituições. Câmara et al. (2002, p. 15) recorrem a Drexel e Iannome (1991) para explicar este fenômeno, ao dizerem que os jovens apresentam características como:

[...] não pensam no futuro próximo ou distante, são imediatistas; organizam-se em grupos e andam em bandos; deixam a casa pressionados pela miséria e / ou violência; provem de famílias migrantes; muitos não sabem o próprio nome, não valorizam a propriedade alheia; tem dificuldades de se envolver emocionalmente, como medo do abandono Drexel; Iannome (1991 apud CÂMARA et al. 2002, p.15)

Os abrigos / lares mantêm as crianças e jovens abrigados, acabam por isolá-los da realidade de outros jovens e não empregam nenhum método alternativo para fazê-lo.

Nesses lugares (assim como no Abrigo Provisório Municipal de Maringá) não existem programas alternativos – no sentido de se diferenciarem dos valores pedagógicos punitivos - e os jovens retornam aos seus valores de classe social. Como acentua Fonseca (1995; 2000), as pessoas retornam aos seus modos de organização e existência para o trabalho como faxineiras e pedreiros ou, se jovens, voltam para a sua única fonte de prazer, a do exercício da sexualidade.

Os seis jovens do Abrigo Provisório Municipal são o retrato da desigualdade social. Vivem em situações subumanas, como se fossem uma subespécie humana, pois não possuem família, casa para a preservação da saúde do corpo e da mente. Quando estão no abrigo, recebem escovas de dente, roupas usadas vindas de doações à instituição, alimentação e, principalmente, recebem a atenção dos educadores de base. Entre os jovens e os educadores, há uma relação marcada pelas várias passagens destes pela instituição. Os jovens confiam nos educadores e, geralmente, desabafam e contam a eles suas aventuras. Há, em geral,

muitas conversas entre eles. O Abrigo Provisório Municipal é, muitas vezes, a casa destes jovens. O problema é que essa casa é transitória e recebe, em muitas ocasiões, muitos jovens, sendo levada a uma superlotação, o que ocasiona, como já dissemos, a depredação da instituição e a fuga desses jovens.

5.2 O SEXO COMO PARTE DA VIDA.

Borges e Medeiros (2004) alegam que para fugir da fome, do frio, da exclusão social e da violência a que são submetidos diariamente, os adolescentes utilizam-se das drogas como estratégia de sobrevivência. Aparentemente imunes aos perigos da rua, eles se expõem a todo o tipo de violência, inclusive dentro do grupo. Ao lado dessa violência, a vida em grupo permite proteção e esta proteção os mantém na rua.

A fala e as ações dos jovens do Abrigo Municipal nos fazem acreditar que a sexualidade significa para eles uma fuga dos problemas vivenciados. Encontramos similaridade entre o nosso estudo e o de Medeiros et al. (2001), apesar de as pesquisas terem sido realizadas em locais diferentes e em situações diferenciadas. Isso significa que as realidades brasileiras, em relação às crianças e jovens em situação de miséria e exclusão, não sofrem grandes alterações. Medeiros et al. (2001) mostram que adolescentes em situação de risco vivenciam a sexualidade como algo novo e prazeroso. A sexualidade é, então, permitida, é o que encontram de bom na vida de rua (ou institucionalizados). De modo geral, isso ocorre com os nossos entrevistados.

Nas falas dos jovens, vemos como o sexo traz para eles a alegria de viver. Como disseram Rubi, Diamante e Quartzo:

[...] sexo é gostoso, me traz mais alegria, uma sensação mais boa (Rubi);

[...] é bom sexo, a gente sente aquela sensação! (Diamante);

[...] todo mundo faz sexo, e nem é forçado, a gente faz porque gosta (Quartzo).

Nestas falas, três dos seis jovens demonstram grande interesse pelo sexo. É certo que para estes jovens, do ponto de vista cultural e social, não existem regras para o exercício da sexualidade nem uma idade adequada para o início da prática sexual. Estes adolescentes, como tantos outros que dividem suas vidas entre a rua e instituições, não tiveram o mesmo aprendizado em relação à vida sexual que os jovens de classe média. Entendemos que a sexualidade geralmente se constrói a partir da história pessoal e do aprendizado familiar transmitido por meio do respeito e de valores passados pela família. A grande questão aqui é que todos os jovens de nosso estudo tiveram pouco ou nenhum contato com suas famílias; estes jovens, por escolha ou pela falta de opção, encontraram nas ruas uma alternativa de sobrevivência, levando em conta, entre outros fatores, as más condições de vida que tinham quando estavam com suas famílias. Nesse sentido, estes jovens, cujos vínculos com a família e a escola já não existem ou estão frágeis, não contam com o apoio necessário para um desenvolvimento físico e mental saudável. Com isso, descobrem a sexualidade com seus colegas que estão nas ruas há mais tempo, assim como mediante experiências impostas por outros adolescentes ou adultos.

Rubi, como os jovens entrevistados por Medeiros et al. (2001), expressa seus pensamentos e sentimentos com suas experiências de vida: o namoro, os encontros, as relações sexuais dos meninos e das meninas. O namoro, segundo Medeiros et al. (2001), é uma importante forma de relacionamento, pois nele se manifestam as atitudes de idealização da figura do casal parental que os jovens fazem. O prazer sexual, assim, está associado aos sentimentos. Água-Marinha expressa a relação sexo x namoro:

[...] tem um menino aí que me chama pra transar e aí eu vou com ele porque eu gosto dele, a gente já transou aqui no abrigo (Água-Marinha).

Como observam Medeiros et al. (2001), as manifestações afetivas entre meninos e meninas que estão ou já passaram pela rua são pouco comuns e, geralmente, os tratamentos dispensados são ríspidos e até agressivos. Geralmente, as meninas sonham com um grande amor capaz de mudar suas vidas e, quando estão envolvidas com algum menino, vivem intensamente as experiências sexuais como experiências afetivas. A afetividade e o amor entre estes jovens são usados, muitas vezes, como sinônimo de sexo. Isso ocorre com os meninos também. Estes também almejam uma relação afetiva sólida como o casamento, mas a escolha da futura noiva incidirá entre aquelas que não estão nas ruas, pois estas são para casar e as que estão nas ruas não servem para o casamento.

Topázio e Diamante, os dois adolescentes do abrigo que entrevistamos, demonstram desprezo pelas meninas que encontram nas ruas, ou seja, nas mesmas condições que eles. Diamante e Topázio se expressam com desprezo quando relataram seus encontros com meninas de rua:

[...] a gente chama as menina da rua pra dá uma, porque elas são gostosinha, aí vai... mais não caso com uma puta dessas nunca.
(Topázio);

[...] essas meninas ai são só pra comê (Diamante).

Entre os seis jovens há a circulação de parceiros, o que significa o exercício sexual com bastante frequência. Entre eles não há um parceiro fixo. Tanto as meninas quanto os meninos trocam de parceiro no grupo em que convivem ou com jovens de outros grupos, com certa naturalidade. A sexualidade, para eles, é aguçada, é uma necessidade. Os jovens do abrigo precisam se sentir desejados e, para isso, usam estratégias de sedução, por meio de roupas pequenas como “shorts” curtos e miniblusas, no caso das meninas, e o não-uso de camiseta pelos meninos. No decorrer de nossa pesquisa, notamos que a exibição do corpo,

para os jovens do abrigo, é o meio mais efetivo e mais utilizado para uma nova conquista⁸. Se conseguem um companheiro em uma noite, por exemplo, a etapa seguinte é a escolha do melhor lugar para a realização da “transa”. Preocupam-se com os olhares públicos, talvez pela privacidade que o ato exige e para não serem punidos.

Os espaços são os lotes vazios e casas abandonadas e ruas escuras os locais utilizados para o ato sexual. Os relatos de Esmeralda, Diamante e Topázio indicam esses modos de encontro.

[...] eu faço sexo nos lotes vagos, em casas abandonadas, em qualquer lugar aonde der para fazer eu faço. (Esmeralda)

[...] eu pratico sexo em vários locais, em casas e prédios abandonados, nesses matos, lotes vagos...(Diamante);

[...] transo no prédio que está construindo (Topázio);

[...] onde der pra transar a gente transa. Tem também um monte de hotel barato ali no centro, fui lá uma vez com um menino que conheci no Cana-Dura (Esmeralda).

As meninas de nosso estudo não fazem uso de preservativo e de métodos contraceptivos nas suas relações sexuais. Geralmente não usam camisinha para atender ao apelo do parceiro ou, então, por considerarem isso desnecessário, quando conhecem o jovem e estabelecem com ele uma relação de confiança. Não fazem, também, uso de pílula ou outro método contraceptivo; acham que nunca ficarão grávidas. Como nos relatou Rubi, ela desconhece todos os riscos de suas aventuras:

[...] eu faço sexo sem camisinha (Rubi).

A ausência do uso de preservativo é bastante preocupante, considerando-se a possibilidade da transmissão / contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, em

⁸ Houve, durante nossas visitas ao abrigo, uma jovem que para chamar a atenção de um garoto do grupo, tomou

especial a AIDS. As relações expressadas pelos adolescentes são de muito prazer, porém existe a necessidade de que sejam tomados cuidados para que estas experiências não tragam transtornos à vida pessoal e social do adolescente, como, por exemplo, as doenças sexualmente transmissíveis, assim como a gravidez indesejada. Medeiros et al. (2001) afirmam que, apesar de as políticas de saúde estarem voltadas para a adolescência e trabalhando no sentido de se evitar a prática sexual por causa da transmissão de doenças e a gravidez precoce, é possível que as ações propostas nem sempre consigam boa ressonância junto aos jovens, principalmente no meio daqueles que fazem da rua o local de moradia e / ou trabalho, uma vez que tais políticas não chegam até esses jovens.

As doenças sexualmente transmissíveis são frequentes na vida desses jovens. Durante a pesquisa, presenciamos o drama de uma jovem com DST entre os seis jovens entrevistados. Os sintomas iniciais eram presença de secreção fétida, coceira e feridas vaginais. A jovem apresentava-se preocupada e sem informação sobre as causas de tais sintomas. Nós, como profissionais da área da saúde, convidamo-la para uma conversa sobre seu estado de saúde. Dois dias após nossa conversa, e com quadro grave de *Trichomonas vaginalis*, nossa jovem evadiu-se do abrigo. Permaneceu cinco dias na rua e fez sexo com vários rapazes. Apareceu dias depois no abrigo, grávida e sem saber qual dos parceiros seria o pai do filho que estava esperando. O sexo para esta jovem foi mais importante que a preocupação com seu estado de saúde (e com a dos parceiros também). Infelizmente, para estes jovens, a prática do sexo é maior que suas preocupações com doenças ou gravidez.

Quanto às relações homossexuais, para os meninos, Medeiros et al. (2001) apontam que o papel passivo na relação é sinal de fraqueza e falta de masculinidade. No entanto, quando ocorre a relação homossexual entre os jovens ou com parceiros desconhecidos, não há discriminação, já que todos sabem que, se necessário, também a teriam tido.

Diamante, que é menino, relatou-nos que não teve como sair de uma relação sexual com um homem:

[...] eu já fiz sexo com gays e com um caminhoneiro; eu peguei carona com ele aí quando chegô ele falô que tinha que pagá a viagem (Diamante).

A prostituição infanto-juvenil nas estradas brasileiras não é novidade. É muito comum, reportagens em jornais e televisão denunciarem esta prática no Brasil e em suas fronteiras. Em busca de dinheiro, jovens, meninos e meninas, se aventuram na noite se prostituindo. Infelizmente, no Brasil, donos de postos de combustível fazem acordos com estas jovens para atrair caminhoneiros. Estes jovens (meninos e meninas) são o atrativo para os postos que funcionam como um comércio com diferencial para “chamar” clientes. A moeda que circula, nestes casos, são os corpos de jovens com 11, 12 anos de idade, despreparados e imaturos para a prática sexual, que são obrigados a satisfazer os desejos de pessoas desconhecidas que muitas vezes usam a força e maus-tratos.

Como já dissemos, os meninos e meninas do estudo de Medeiros et al. (2001) tiram algum tipo de proveito material das relações sexuais com pessoas que não são de seus grupos. A gratificação que recebem provém, geralmente, de adultos, que oferecem em troca da relação sexual algum dinheiro ou droga. Esse tipo de conduta ocorre com Topázio:

[...] eu transo com essas mulheres aí de rua... elas me dão droga, elas cheiram cola e eu também cheiro... (Topázio).

O uso de drogas entre os jovens do abrigo é freqüente. Todos fazem ou já fizeram uso de algum tipo de droga. As mais usadas são, em geral, as mais baratas e mais fáceis de encontrar, como a maconha e a cola de sapateiro.

O levantamento interessante citado por Ferigolo et al. (2004) discorre sobre consumo de drogas entre crianças em situação de rua albergadas em abrigos especiais não-

governamentais de seis capitais Brasileiras. Este levantamento revelou que o uso experimental de drogas, além do álcool e tabaco, era de cerca de 90% com essas crianças. Este resultado sugere que, embora “protegidas” pelo Estado, as crianças e jovens institucionalizados permanecem sob risco de grupos que impõem o uso e o tráfico a essas crianças.

Além dos malefícios físicos, existem pesquisas que relacionam o aumento das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) entre os jovens ao uso de substâncias psicoativas. O estudo realizado por Schwarcz e colaboradores (apud SCIVOLETTO et al., 1999) em São Francisco, EUA, entre 1986 e 1988, apontou um aumento de 11% na incidência de gonorréia, sendo que os adolescentes foram responsáveis por grande parte desse aumento. Realizado com adolescentes negros de São Francisco este, estudo constatou que a relação entre uso de drogas e maior risco de contrair gonorréia ocorre devido à prática de trocar "favores sexuais" por dinheiro ou por drogas. O uso de "crack", segundo os autores, aumentou o número de doenças transmissíveis. Da mesma forma, Edlin e colaboradores (apud SCIVOLETTO et al., 1999) constataram uma maior prevalência de HIV entre usuários de "crack". Esta prevalência, segundo os autores, foi acompanhada de maior número de parceiros sexuais, maior frequência de relações homossexuais e prostituição.

Em geral, as meninas do estudo de Medeiros et al. (2001) não faziam associação entre sexo e prostituição. Em relação aos seis jovens do abrigo, a conduta parece ser a mesma. As falas de Rubi e Água Marinha explicitam isso:

[...] eles me levam para outros lugares, eles chamam, querem oferecer dinheiro mas, aí eu não vou não. Tem muita gente que oferece dinheiro, muitos policiais oferecem e falam assim que se a gente soltar o corpo eles liberam a gente (Rubi).

[...] tem gente de fora que chama e muitas que oferecem dinheiro para mim. Os meninos já viram e me falam: “Olha, tem um homem ali te chamando para fazer programa”, e eu falo que não. Dá licença que

eu não vou, não que eu não sou disso. Eu vou só com quem eu gosto!
(Água-Marinha).

Rubi e Água-Marinha, apesar da vida de miséria que vivem, parecem preservar, em algumas situações, suas vontades em relação às escolhas amorosas. A idéia de prostituição para estas jovens está ligada à venda do corpo em praças, postos de combustível, em “pontos” fixos onde algumas mulheres ou homens vão trabalhar todas as noites.

A pobreza que estes jovens vivem não é apenas de bens materiais. Devido à ausência da família e de educação formal, eles foram submetidos ao aprendizado dos adultos. Os ensinamentos aprendidos na infância são situações de risco que vivenciaram: roubo, o uso e o tráfico de drogas. Fazem isso e o interpretam como o “ganha-pão”, mesmo sabendo que é ilegal. Alguns parentes dos seis jovens estão presos e há casos em que estes parentes usam o adolescente para o tráfico. O termo utilizado por eles, nestes casos, é “aviãozinho⁹”, que significa pôr um jovem (menor de idade, portanto não passível de ser preso) para levar a droga ao seu destino. O jovem pega com droga não é preso e as famílias sabem disso.

É importante enfatizar que entre estes jovens o trabalho é visto, muitas vezes, como escravidão e perda de tempo, já que se pode ganhar dinheiro de forma mais fácil com o tráfico e a prostituição. Os valores que nós, de classe média, atribuímos ao trabalho como meio digno de sobrevivência e como mudança de realidades, para eles são interpretados de outra forma. Durante a pesquisa no abrigo ouvimos, muitas vezes, frases do tipo: “*Ah, larga mão, se eu precisá carpi uma data pra ganhá 20 real eu vou lá na praça da Pernambucana e ganho 30 fazendo um programa¹⁰*”. Este tipo de fala exemplifica a carência de significados, quanto ao trabalho, para estes jovens.

⁹ Os jovens do abrigo falam abertamente de assuntos como uso e tráfico de drogas com os educadores de base da instituição. Durante nossa pesquisa participamos de muitas dessas conversas. O termo “aviãozinho” surgiu de uma dessas conversas, a pesquisadora, neste caso, apenas como ouvinte.

¹⁰ Esta fala foi dita em uma conversa informal com os jovens na área de recreação do abrigo.

Para os meninos e meninas da pesquisa de Medeiros et al. (2001) as ruas são os palcos principais em que são estabelecidas as relações sociais entre eles e, também, com a família, a polícia e instituições específicas de atendimento à criança e ao adolescente. Nesse sentido, é do ambiente da rua que tiram seu sustento e, em determinadas situações, também do grupo familiar a que pertencem. Os jovens do Abrigo Municipal também tiram seu sustento da rua, seja por meio do corpo seja do tráfico ou do roubo. Isso significa que os valores de nossa sociedade não ultrapassam a barreira da pobreza por eles vivida.

Os programas de educação fundamentais, em geral, almejam que os jovens sejam retirados de praças e ruas, deixando, assim, de serem vistos e encarados como um problema social a ser resolvido. Acreditam que, ao manter as crianças e os adolescentes em instituições, resolvem o problema. No entanto, apenas se isentam da responsabilidade social. Desta forma, no Brasil, muitas crianças e jovens saem das ruas para viver em instituições de atendimento que não respeitam seus direitos e simplesmente as confinam.

Acreditamos que instituições como o Abrigo Provisório Municipal de Maringá são campos de atuação para enfermeiros que querem atuar na prevenção e recuperação da saúde de jovens e contribuir para a educação emancipatória e cidadã para a promoção de cidadania. Sabemos que é difícil falar em cidadania para jovens que não acreditam nem poderiam acreditar no sistema social em que vivem. Não se pode falar em direitos quando se nega comida e moradia, nem em obediência às normas sociais quando se está excluído deste sistema. Enfim, é difícil cobrar os deveres cidadãos de jovens em uma sociedade em que as elites econômicas desafiam os direitos de todos e não cumprem seus deveres. Cobrar cidadania destes jovens que ainda não se constituíram como cidadãos - pois não trabalham, não têm casa e educação nem a maioria dos seus direitos respeitados, é tarefa complexa, mas que deve ser efetivada.

Diante da complexidade do problema em que vivem esses meninos e meninas, não é possível pensarmos em ações isoladas. Acreditamos que seja necessário a busca de parcerias e de ações intersetoriais junto às diferentes entidades (varas da criança e juventude, Conselhos Tutelares, ONGS) e órgãos de assistência à saúde.

No que se refere à saúde, é importante enfatizar que os serviços oferecidos a esta parcela da população devem ser diferenciados, pois as condições de sobrevivência desses jovens são muito diferentes das condições de quem tem família, comida e casa. Como profissionais da área da saúde, cabe-nos, assim como fez Medeiros (2000; 2001; 2002; 2004), a responsabilidade de assumir estes desafios e ir além da academia, contribuindo para a compreensão dos processos de saúde / doença junto a estes grupos de jovens.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] meninos e meninas de rua devem ser percebidos como quaisquer outras crianças e adolescentes; porém, a necessidade – de cunho material, de afeto ou proteção – impulsiona-as para a rua. São provenientes de famílias trabalhadoras expropriadas com uma história de vida marcada pela luta constante pela sobrevivência (MINAYO, 1993).

Na conclusão deste trabalho, não podemos afirmar que, entre os seis jovens do abrigo municipal, a sexualidade seja vivenciada como violência. Violência pode ser caracterizada no caso deles, pelo “apartheid social” em que vivem também as pessoas da vila do Cachorro Sentado e da vila São João em Porto Alegre, conforme Fonseca (1995; 2000) descreve em seus estudos.

Os seis adolescentes estão, existencialmente, à margem da cidade. Isso significa ficar fora da escola, desligados dos sistemas de saúde e sem partilhar o mundo dos diferentes conhecimentos e das informações, até mesmo para criar opções profissionais.

Afastados da escola, da família (e sem poder constituir outra), sem atendimento odontológico e médico, os jovens precisam criar outras dimensões pelo menos para sua sobrevivência psíquica. Estas dimensões da sobrevivência estão presentes nos grupos de rua, com colegas que também vivem nas mesmas condições. Aí, nesses encontros, emergem outros valores, bastante distantes dos da classe média. São valores e formas que os mantêm vivos, embora em condições sociais bem precárias.

A história do abandono da infância e adolescência no Brasil é marcada pela produção excludente de concentração de renda e de poder. A desigual distribuição de riqueza desencadeou o crescimento das massas populares menos favorecidas, que vivem no desemprego e na miserabilidade. Estas condições atingem diretamente a família, grupo social de maior responsabilidade pela inserção dos jovens na sociedade dos adultos. Neste contexto, o responsável por garantir a proteção, a educação e a igualdade é o estado. Contudo, na

realidade brasileira, o estado é o reafirmador das desigualdades estruturais, em que as políticas sociais não são entendidas como direitos.

No Brasil, há um descompromisso do estado com as questões sociais. Isso pode ser observado diariamente na vida das mulheres, crianças e adolescentes e de pessoas de menor poder econômico. As políticas públicas no Brasil voltadas à assistência da criança e do adolescente não seriam necessárias se existissem políticas sociais eficazes e bem-estabelecidas. As atuais políticas, no entanto, são feitas com a intenção de minimizar os problemas dos riscos, e não de resolvê-los. Não há preocupação com as causas e as conseqüências das políticas implantadas. A ausência de estratégias voltadas à garantia das necessidades sociais de emprego, remuneração justa, educação, saúde e moradia com qualidade não quebra a cadeia geradora do fenômeno social de crianças e adolescentes em situação de rua, ao contrário, faz com que as políticas de atenção à criança e à juventude no Brasil sejam marcadas pelo descompasso político entre o discurso legal, ideologias e práticas, com ações governamentais e não governamentais dessemelhantes.

Não estamos, aqui, criticando a importância das instituições de abrigo. Ao contrário, acreditamos que, diante do descaso político, os abrigos são a chance de resgate da cidadania desses jovens. No entanto, é necessária a implantação de programas pedagógicos para a mudança da concepção das casas lares / abrigo.

Neste sentido, a área da enfermagem pode partilhar do trabalho com crianças e jovens, inclusive com as crianças e os jovens institucionalizados. No entanto, os enfermeiros precisam compreender a distância social provocada pela política econômica do país e entender os processos culturais que produzem os valores sociais de grupos excluídos para estabelecer programas de atendimento a crianças e jovens em situação de risco. Não nos basta conhecer os cuidados com o corpo e prescrever aos jovens técnicas para a manutenção

da saúde. O trabalho dos enfermeiros com as crianças e jovens em situação de risco é, então, um trabalho político.

Concordamos com Oliveira e Marcon (2005) quando afirmam que o profissional de saúde deve atuar de forma a revelar não só a essência de seu trabalho, que é cuidar da vida e da saúde dos indivíduos, mas também o seu lado cidadão, resgatando o exercício da democracia em sua plenitude e buscando a justiça social. Assim, como profissionais de saúde, precisamos nos sensibilizar e estarmos habilitados a lidar com as vítimas da violência e com suas famílias na perspectiva de um processo educativo e não repressor; de reabilitação social e não de exclusão social; de reintegração familiar e de promoção à vida.

Os seis jovens do estudo são um pequeno retrato das crianças espalhadas pelo Brasil, que, como relatou Medeiros (2002), é o retrato do abandono. Primeiro são abandonadas pela família e depois pelo estado, através da privação dos direitos à saúde, à educação, à comida, ao lazer, à segurança.

A humilhação e o preconceito contra estes jovens fazem deles a parcela excluída da população, que se une e cria relações de amizade e sobrevivência com pessoas que se encontram em condições iguais às deles. As relações sexuais nascem dessas relações de amizade, pois na carência e privação eles vivenciam intensamente a atenção e a amizade.

As classes média e alta discriminam estes jovens, uma vez que seus valores são extremamente distintos; e assim, cada vez mais, vivenciamos grupos sociais com valores opostos e auto-excludentes.

Com este trabalho, pudemos olhar os seis jovens do abrigo de outro modo, isto é, no mundo de muitos abandonos: o da família, o da escola e mesmo o do Abrigo Provisório Municipal. Podemos entender também que participar dos grupos de rua, para estes jovens, significa estabelecer outros laços, laços com outra família. A sexualidade, nessa família, é vista como prática de liberdade, afetividade e, talvez, até mesmo de poder.

Os estudos de Medeiros (2000; 2001; 2002; 2004), Centro Latino Americano de Estudos de Violência e saúde (1993), Altoé (1990) e Fonseca (1995; 2000) foram, a nosso ver, parâmetros para a abertura de pesquisa para enfermeiros que se engajam na luta pela sobrevivência de adolescentes que vivenciam a outra margem da sociedade Brasileira - a dos excluídos.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, S. *Infâncias perdidas: o cotidiano nos Internatos / Prisões*. Rio de Janeiro: Xenon, 1990.

ASSIS, S. G. Crianças e adolescentes violentados: passado, presente e perspectivas para o futuro. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.10, p. 126- 134, 1994. supl.1.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICA. **NBR 6023**: Informação e documento: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BORGES, I. K.; MEDEIROS, M. Representações sociais de DST / AIDS para adolescentes de uma instituição abrigo com experiência pregressa de vida nas ruas da cidade de Goiânia. **J. Bras. Doenças Sex. Transm.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 43- 49 , 2004.

CALLIGARES, C. A nova norma sobre o aborto em caso de estupro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 mar. 2005. Caderno Ilustrado, p. E-14

CÂMARA, M. F. B.; MORAES, M. M.; MEDEIROS, M.; FERRIANI, M. G. C. Aspectos da assistência prestada a crianças e adolescentes em situação de rua no município de Goiânia. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 3, n. 1, jul./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista>. Acesso em: 15 maio 2005.

CAMARA, M. F. B.; MEDEIROS, M.; FERRIANI, M. G. C.; GOMES, R. O abandono social da infância e adolescência na ótica dos coordenadores de instituições de assistência a crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de Goiânia. **Rev. Brás. Cresc. Desenv. Hum.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 9-16, 2002.

CAMARGO, C. L.; BURALLI, K. O. **Violência familiar contra crianças e adolescentes**. Salvador: Ultragraph, 1998.

CLAVES – Centro Latino-Americano de Estudos de violência e Saúde. Estudo Multidisciplinar Sobre as Atuais Condições de Atendimento a Crianças e Adolescentes do Rio de Janeiro em Situações Especialmente Difíceis. Municípios de Rio de Janeiro e Duque de Caxias. **Relatório final de pesquisa**. Rio de Janeiro: CLAVES: FIOCRUZ, 1993. (Mimeo).

CURTY, M. G. **Apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses**: (NBR 14724/2002). Maringá: Dental Press Editora, 2002.

FERREIRA, B. P. **Adolescentes em situação de risco social e linguagem logo**: uma experiência fora da escola. 2201. 22f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia d Ciências, Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2001.

FERIGOLO, M.; BARBOSA, F. S.; ARBO, E.; MALYSZ, A. S.; STEIN, A.T.; BARROS, H. M. T. Prevalência do consumo de drogas na FEBEM, Porto Alegre. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 26, n.1, p. 10- 16 , mar. 2004.

FONSECA, C. **Caminhos da Adoção**. São Paulo: Córtes, 1995.

FONSECA, C. **Família fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEDEIROS, M. **Olhando a lua pelo mundo da rua: representação social da experiência de vida de meninos em situação de rua**. 1999. Tese (Doutorado)–Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1999.

MEDEIROS, M. et al. A sexualidade para o adolescente em situação de rua em Goiânia. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 2, p. 35- 41, 2001.

MEDEIROS, M. A violência e a criança e adolescente em situação de rua na cidade de Goiânia. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA CIENTÍFICA, 54., 2002, Goiânia. **Anais...**Goiânia: SBPC: Universidades Federais de Goiás, 2002.

MEDEIROS, M.; FERRIANI, M. G. C.; GOMES, R.; MUNARI, D. B. O significado de casa e rua para meninos com experiência de vida nas ruas: em busca de uma compreensão sobre as implicações para a saúde. **Rev. Brás. Cresc. Desenv. Hum.**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 1-12, 2002.

MEDEIROS, M.; FREITAS, G.C.; OLIVEIRA, N. S. A fome para meninos e meninas em situação de rua: além da sensação de “barriga vazia”. **Rev. Brás. Cresc. Desenv. Hum.**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 14-32, 2004.

RODRIGUES, L. B. **De pivetes e meninos de rua**: um estudo sobre o projeto axé e os significados da infância. Salvador: Ed. da UFBA, 2001.

SCIVOLETTO, S.; TSUJI, R. K.; ABDO, C. H. N; ANDRADA, A. G. GATTAZ, W. Relação entre consumo de drogas e comportamento sexual de estudantes de 2º grau de São Paulo. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 87- 94, abr./jun.1999.

SOARES S. A. Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes – em que medida o foco é a criança. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis (SC); v. 8, n.2 p. 510-13, 1999.

VASCONCELOS A. **A Prostituição de meninas e adolescentes no Recife**. Tempo de presença, Recife (Pe); 258: 22-23, 1990.

OLIVEIRA, R. G.;MARCON, S .S. Exploração Sexual Infanto-juvenil: causas, conseqüências e aspectos relevantes para o profissional de saúde. **Rev. gaúcha de enfermagem**. Porto Alegre (SC), v. 26, n. 3, p. 345-357, 2005.

OLIVEIRA, N.S.; MEDEIROS, M. MUNARI, D. B. Aspectos da auto-estima de crianças e adolescentes em situação de rua. **Rev. Ciência, Cuidado e Saúde**. Universidade Estadual de Maringá v. 3, n.3 p. 233-242, 2004.

ANEXOS 1

Mapeamento realizado junto ao Conselho Tutelar de Maringá - PR

Bairro	Total	Ano 2003/ Casos De Violência
Cj Hab Cidade Alta	1574	8
Cj Hab Itatiaia	1112	3
Cj Hab Paulino Carlos Filho	1611	-
Cj Hab Requião	6420	65
Cj Hab Sanenge	899	3
Cj Hab Sanenge Iii	446	1
Cj Hab Sol Nascente	1941	6
Cj João De Barro I	742	11
Cj J. B. Thais	1746	13
Cj Res Angelo Planas	735	-
Cj Res Branca J. C. Vieira	2122	4
Cj Res Gov Parigot De Souza	1103	4
Cj Res Guaiapó	3196	79
Cj Res Hermann M. De Barros	2153	9
Cj Res Inocente V. N. Junior	3626	-
Cj Res J. B. Cidade Alta I	595	-
Cj Res J. B. Cidade Alta Ii	482	3
Cj Res J. B. Champagnat	1396	11
Cj Res J. B. Cidade Canção	556	3
Cj Res J. B. Itaparica	1974	20
Cj Res J. B. Porto Seguro I	464	9
Cj Res J. B. Porto Seguro II	540	1
Cj Res Karina	1010	1
Cj Res Léa Leal	1338	4
Cj Res Ney Braga	3667	24
Cj Res Planville	466	1
Cj Res Rodolfo Bernardi	1203	1
Lot Ebenezer	1476	21
Jd Aclimação	584	6
Jd América	3114	7
Jd Campos Eliseos	2410	21
Pq Das Laranjeiras	3675	26
Jd Dourado	716	3
Jd Imperial I	836	3
Jd Imperial Ii	1030	-
Jd Industrial	1417	5
Jd Ipanema	1140	4
Jd Los Angeles	833	2
Jd Lucianópolis	1308	2

Jd Mandacarú	856	10
Jd Maravilha	837	-
Jd Monte Carlo	1585	5
Jd Novo Horizonte - Zona 27	1162	7
Jd Novo Horizonte - Zona 17	1250	
Jd Novo Oásis	1618	5
Jd Oásis	1475	6
Jd Pinheiros I	447	2
Jd Pinheiros II	403	-
Jd São Silvestre	2380	13
Jd Seminário	490	1
Jd Tabaete	721	2
Jd Universo	2167	16
Jd Vitória	1555	6
Lot. Liberdade	4167	21
Nucleo Hab Santa Felicidade	1337	53
Pq Das Bandeiras	1999	13
Pq Das Grevileas	5204	29
Pq Das Palmeiras	2120	13
Pq Hortencia – Zona 43	1552	14
Pq Hortencia – Zona 19	1808	4
Pq Itaipu	3791	15
Pq Res Aeroporto	1617	17
Pq Res Cidade Nova	1591	6
Pq Res Patricia	1156	2
Pq Res Quebec	2079	13
Pq Res Tuiuti	3639	38
VI Esp.E VI Santo Antonio	3326	6
Vila Esperança - Zona 29	4032	30
Vila Marumbi	651	3
Vila Santa Isabel	2308	23
Jd Alvorada	22526	137
Vila Morangueira	11853	61
Zona 01	10304	1
Zona 02	5731	15
Zona 03	6981	-
Zona 04	5535	10
Zona 05	6433	10
Zona 06	4092	20
Zona 07	23108	45
Zona 08	7024	2
Zona 09	1320	1
Zona 10	284	-
Vila Bosque	432	8
Vila Cleópatra	351	1
Jd São Domingos	400	1

ANEXOS 2

ANEXOS 3

ANEXOS 4